

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Pedro Henrique Leal Mendes

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2022:
Um olhar sobre a transmissão da TV Globo**

Monografia

Mariana
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

CURSO DE JORNALISMO

Pedro Henrique Leal Mendes

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL 2022:
Um olhar sobre a transmissão da TV Globo**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Cláudio Coração

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M538c Mendes, Pedro Henrique Leal.

Copa do Mundo de Futebol 2022 [manuscrito]: um olhar sobre a transmissão da TV Globo. / Pedro Henrique Leal Mendes. - 2023.
61 f.: il..

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Coração.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. TV Globo. 2. Copas do mundo (Futebol). 3. Jornalismo esportivo. 4.
Teledifusão esportiva. I. Coração, Cláudio. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 654.19

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Pedro Henrique Leal Mendes

Copa do Mundo de Futebol 2022: um olhar sobre a transmissão da TV Globo

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 18 de agosto de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Luana Viana - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutoranda Núbia Azevedo - (Universidade Estadual Paulista)

Cláudio Rodrigues Coração, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 6/9/2023



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/09/2023, às 12:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0586751** e o código CRC **7FOE304B**.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a minha família, por todo suporte durante a graduação. Eu sempre falo que tenho a sorte de ter três mães: Katia, Dalva e Sandra. São elas quem me criaram e me ajudaram tornar quem eu sou. Em especial, cito a minha madrinha Denise, que não mediu esforços para ajudar-me, não só emocionalmente, como financeiramente durante esses anos morando em Mariana.

Agradeço ao meu irmão, Matheus, que sempre esteve do meu lado, meu primo Augusto e todos os meus tios e tias. Não posso deixar de mencionar os meus amigos e amigas de Itabira, que sempre estiveram presente na minha vida.

Em seguida, sou grato aos meus amigos e irmãos da república Lém Kaza, moradores e ex-alunos, que sempre me acolheram nos momentos em que mais precisei. É uma segunda família que levarei por toda a minha vida. Estendo meus agradecimentos as repúblicas Lugar Nenhum e Travessa, por serem parceiras em todos os momentos.

Por fim, muito obrigado a todos os meus amigos e amigas de Mariana MG, além do meu orientador, Claudio Coração, que me ajudou nessa jornada nada fácil e sempre foi atencioso em todos os momentos.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a transmissão esportiva da Rede Globo durante a Copa do Mundo de Futebol de 2022. Para isso, interessa-nos entender os principais conceitos do jornalismo esportivo e das transmissões televisivas. Diante disso, visa compreender os aspectos fundamentais para uma boa cobertura esportiva, considerando as seguintes categorias: a participação do narrador, o uso de recursos exclusivos, as informações extrajogo divulgadas durante a partida, a interação com os telespectadores e a participação dos comentaristas e repórteres para transmitir opiniões ou informações. Além disso, irá relatar a repercussão da transmissão da emissora, nas redes sociais.

Palavras-chave: Copa do mundo de futebol; Jornalismo esportivo; Transmissões televisivas; Globo.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the sports broadcast of Rede Globo during the 2022 Football World Cup. In this scenario, we are interested in understanding the main concepts of sports journalism and television broadcasts. In view of this, it aims to understand the fundamental aspects for good sports coverage, considering the following categories: the participation of the narrator, the use of exclusive resources, the extra-game information disclosed during the match, the interaction with viewers and the participation of commentators and reporters to convey opinions or information. In addition, it will report the repercussion of the station's transmission on social networks.

Keywords: Soccer World Cup; Sports journalism; television broadcasts; Globo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Twitte de internautas...	47
Figura 2- Outro twitte de internauta.....	48
Figura 3- Comentários e respostas dos twitters anteriores.....	49
Figura 4- Repercussão do dia 28 de novembro no Twitter.....	53
Figura 5- Outro twitte de internauta no dia	53
Figura 6- Internautas comentam atitude diferente de Galvão.....	57
Figura 7- Outro comentário sobre Galvão e Ana Thais.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JORNALISMO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE	16
1.1 Mídia e futebol	18
1.2 Jornalismo esportivo contemporâneo	22
1.3 Início no rádio	28
1.4 Telejornalismo esportivo	30
2 COPA DO MUNDO: 92 ANOS DE HISTÓRIA	33
2.1 Copa do Mundo como maior megaevento esportivo	34
2.2 TV Globo	36
2.3 Copa de 2022	39
3 PADRÃO GLOBO DE JORNALISMO	41
3.1 #TamoJuntoPelaCopa	42
3.2 PRIMEIRA PARTIDA DO BRASIL NA COPA.....	44
3.2.1 Uso da câmera exclusiva no jogo	46
3.2.2 Repercussão da primeira transmissão, no Twitter	46
3.2.3 Central da Copa e o delay da Globo Play.....	49
3.3 QUINQUAGÉSIMO JOGO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NARRADO POR GALVÃO BUENO EM COPAS DO MUNDO.....	50
3.3.1 Câmera exclusiva.....	52
3.3.2 E o pessoal no Twitter?	52
3.3.3 Central da Copa e a beleza do goleiro Alisson	53
3.4 EM COPA DO MUNDO NÃO SE JOGA COM TIME RESERVA	55
3.4.1 Câmera exclusiva.....	56
3.4.2 Repercussão da terceira partida.....	56
3.4.3 Central da Copa: “Plastel de flango”	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

O esporte é, para muitos, o momento de alívio de uma rotina diária estressante. Atualmente, o futebol é, sem dúvida, a modalidade mais popular de todo o mundo. Ele atrai milhares de espectadores, envolvendo, principalmente, a paixão. Esse sentimento que, muitas das vezes, é influenciado pela transmissão esportiva, tanto por rádio quanto da TV.

A partir do século XX, o futebol tornou-se um dos grandes símbolos da identidade brasileira, passando a fazer parte do senso-comum e alcançando, hoje, um patamar internacional.

Dantas (2014) salienta que a popularidade do futebol é tão grande, que se o transformássemos em país, o futebol teria em seu território a maior concentração de etnias na história da humanidade, com 280 milhões de habitantes e estaria entre as quinze maiores economias do planeta (DANTAS, 2014). Além disso, esse esporte consegue catalisar as ambições, angústias, alegrias e frustrações de uma nação (DANTAS, 2014). O futebol, por ser, dos esportes, o mais sujeito e aberto à interpretação, torna-o o mais apaixonante. “O juiz nunca vê tudo, ninguém nunca vê tudo, e todos tem a pretensão de ver tudo. E o futebol não tem lógica, tem lógicas, inclusive a do acaso e do paradoxo” (WINISK, 2008).

O prestígio do esporte fica ainda mais evidente em ano de Copa do Mundo. O principal evento futebolístico do mundo ganhou a admiração e o respeito desde o primeiro torneio, em 1930, e aos poucos foi se tornando uma grande tradição. Criada pelo francês Jules Rimet, em 1928, a Copa do Mundo teve sua primeira edição no Uruguai em 1930. Contou com a participação de apenas 13 seleções, que foram convidadas pela FIFA, sem disputa de eliminatórias, como acontece atualmente. Até o momento, o Brasil é o único país pentacampeão mundial no futebol.

A edição de 2022 foi a primeira a ser realizada no Oriente Médio, especificamente no Qatar. Com sete cidades-sede, o campeonato foi disputado entre 21 de novembro e 18 de dezembro, ao invés do período tradicional, graças às altas temperaturas que o país sofre no meio do ano; esta é a primeira vez em que uma copa do mundo foi disputada no final do ano e, provavelmente, foi a última edição a ter o formato de 32 equipes. A FIFA estuda fazer uma mudança no formato e número

de equipes na edição de 2026, quando será sediada no Canadá, Estados Unidos e México, passando para 48 equipes.

Diante do exposto, este estudo pretende analisar a transmissão da Globo durante a Copa do Mundo de Futebol de 2022, sobretudo durante os jogos da seleção brasileira, na primeira fase do torneio.

A presente monografia terá início com uma pesquisa bibliográfica, a fim de evidenciar aspectos contextuais, conceituais e teóricos sobre o tema. Definições importantes como o que é jornalismo e seu papel relevante na sociedade democrática. A partir da obra de Nelson Traquina, *Teorias do Jornalismo* (2005), é fundamental para entendermos o sentido de jornalista esportivo e se essa expressão pode ser considerada como uma especialidade do jornalismo, uma vez que é confundida, frequentemente, com entretenimento.

Traquina considera que o jornalismo, por causa da sua “autonomia relativa”, transforma-se em uma fonte de “poder”; logo, esses profissionais detêm poder, tal que “os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26). O autor considera que o jornalismo pode ser a vida dividida em tópicos como geral, policial, internacional, esportiva, cultural e ambiental.

Com isso, é importante trazer os conceitos e o papel da segmentação esportiva do jornalismo. Para isso, recorrerei, principalmente, às obras de Barbeiro e Rangel (2006) e de Paulo Vinícius Coelho (2011), por serem grandes referências na experiência prática do jornalismo esportivo no Brasil, além de trazer um panorama histórico do futebol com a mídia. Barbeiro e Rangel (2006) apontam o jornalista esportivo como espelho de milhares de torcedores. Talvez seja por isso que o futebol mexe tanto com a emoção.

Outro grande suporte é a entrevista pessoal, feita em 2020, com o jornalista esportivo e produtor de conteúdo da Rede Globo, Renato Cury, pelo Instagram e disponibilizada no Youtube. Cury trabalha na área há 15 anos, está na Rede Globo há dez anos e tem experiência em grandes eventos esportivos, transmissões ao vivo, produção de matérias e conteúdos para os principais telejornais da TV Globo, e para o site do Grupo Globo. Ao longo da carreira, já cobriu eventos de Fórmula 1, basquete, vôlei, atletismo, natação e futebol, com experiência internacional em mais de 10 países.

Outras grandes obras utilizadas são: o livro “Jornalismo esportivo: os craques

da emoção” da secretaria do estado do Rio de Janeiro e “Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil” de André Ribeiro (2007). Ambas nos ajudarão a compreender a evolução do jornalismo esportivo e da TV Globo.

Como a transmissão esportiva tem suas raízes no radiofônico, o próximo passo será um estudo de como o rádio começou a cobrir esportes, especialmente o futebol. Em seguida, será desenvolvido um estudo do segmento esportivo na área do jornalismo na televisão. Buscar entender o que é necessário para uma transmissão esportiva “de qualidade” televisual. Mostrar, também, que o jornalismo esportivo não é apenas opinião, mas também um trabalho de jornalistas e comunicadores, feito diante da perspectiva do interesse público para a população.

Paulo Vinícius Coelho (2011) acredita que o jornalista corre um risco muito grande quando trabalha com esportes que têm menos espaço na imprensa. Muitos exigem especialização para o trabalho, mas, mais do que isso, os atletas também exigem especialização do jornalista para trabalhar com eles.

Dentre vários capítulos, um deles resgata a introdução da imprensa esportiva no Brasil como manifestação das mudanças editoriais proporcionadas pela conjuntura histórica do início do século XX em um país que importava conceitos e práticas europeias em quase todos os aspectos da vida nacional e que viu em um esporte europeu sua base de consolidação e expansão. Outro referencial será o “Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira” (2013), de Henrique Gasparino.

Alguns estudos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM - como, por exemplo, “Comunicação e esporte: Copa do mundo de 2014” serão uns de nossos principais suportes.

O segundo capítulo abordará as Copas do Mundo anteriores, sob o olhar da mídia brasileira. Em outro capítulo de “Comunicação e esporte: Copa do mundo de 2014”, o pesquisador paulista Anderson Gurgel Campos aborda o que são os megaeventos esportivos e como a versão futebolística dessas atividades se constitui em um dos mais importantes eventos midiáticos do planeta.

Logo após, o estudo será sobre a Rede Globo e sua história de transmissões das Copas do Mundo. A emissora continuará exibindo as partidas do Mundial na televisão aberta e no seu canal esportivo por assinatura, o Sportv. É a primeira vez que a Fifa assume a negociação dos direitos da Copa do Mundo com redes sociais, eo Brasil tem sido uma oportunidade para a entidade experimentar o modelo. Para nos contar sobre a história desse veículo de comunicação no Brasil e a propagação do

esporte na TV, buscaremos apoio na obra de André Ribeiro em “Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil” (2007).

Especificamente na edição de 2022, a Globo obteve direito exclusivo de transmissão da Copa para a TV aberta e fechada (SporTV). A emissora transmite a competição desde 1970. Entretanto, perdeu a exclusividade para transmissões por meios digitais. A Fifa tem oferecido pacotes de jogos da competição por streaming diretamente às plataformas digitais no Brasil. Youtube, Facebook e TikTok, por exemplo, já foram procurados e estudam a viabilidade do negócio.

Diante do exposto, o terceiro capítulo será a análise da transmissão da Globo, durante a Copa do Mundo de Futebol de 2022, mostrando quais são os aspectos fundamentais para uma “boa cobertura esportiva”. A pesquisa analisará especificamente as transmissões dos três confrontos da Seleção Brasileira na primeira fase da Copa do Mundo de Futebol de 2022 feitas pela Rede Globo. Brasil x Sérvia; Brasil x Suíça; Brasil x Camarões serão as partidas analisadas.

As categorias de análise serão as seguintes: a participação do narrador, o uso de recursos exclusivos, as informações extrajogo divulgadas durante a partida, a interação com os telespectadores e a participação dos comentaristas e repórteres para transmitir opiniões ou informações. Além disso, irá relatar a repercussão da transmissão da emissora, nas redes sociais, sobretudo no Twitter.

Para a análise, as partidas foram gravadas e assistidas diversas vezes, assim como os programas Central da Copa, nos dias dos jogos do Brasil. O referencial teórico será “o estudo da INTERCOM “Comunicação e esporte: Copa do mundo de 2014” de Ary José Rocco Junior.

Paralelo a isso, como pós-jogo, analisaremos a Central da Copa. O programa criado pela TV Globo, é exibido durante o período das Copas do Mundo FIFA. Ele traz as principais notícias do dia envolvendo o Mundial, as análises e resultados de jogos, além de debates sobre os acontecimentos da competição. Os grandes destaques eram as edições especiais de domingo.

Durante a Copa do Mundo FIFA de 2010, o programa foi apresentado diretamente do Rio de Janeiro, possuía três horários fixos: um no período matutino, com Luís Ernesto Lacombe, um no período vespertino e um no período noturno, ambas sob o comando de Tiago Leifert. Em nenhuma edição, o programa perdeu a essência de um estilo mais descontraído, prevalecendo o entretenimento e sempre com a interação do público e com participação de grandes personagens do esporte e

artistas famosos.

Para a Copa de 2022, os apresentadores são Alex Escobar (apresentador do Globo Esporte), o ex-jogador Fred, a cantora Jojo Todynho e Lucas Gutierrez (apresentador do Segue o Jogo), além de participações especiais do humorista Marcelo Adnet e do narrador Galvão Bueno. A edição desse ano foi exibida de 21 de novembro a 17 de dezembro de 2022, de segunda a sábado, mas também foi exibida em dois domingos, 27 de novembro e 4 de dezembro.

1 JORNALISMO E SEU PAPEL NA SOCIEDADE

Um trabalho de trazer informações, históricos, dados e análises durante as transmissões de competições esportivas, atribuímos o nome de jornalismo. Entretanto, para entendermos as transmissões esportivas e o jornalismo esportivo, primeiro precisamos entender o jornalismo em geral.

Tentar definir o que é jornalismo não é uma das tarefas mais fáceis. Tudo que é interessante e/ou importante pode se chamar de notícia. Traquina (2005) defende que o jornalismo pode ser a vida dividida em algumas seções como geral, policial, internacional, ambiental, esportiva e cultural. Para ele, o principal foco do jornalismo, sua essência, é a notícia, a informação (TRAQUINA, 2005).

Nelson Traquina (2005), defende ainda, que jornalismo é a vida, assim como é contada nos jornais. A maioria das pessoas diriam que jornalismo é a realidade. Para Traquina (2005), o caminho para a definição de jornalismo pode se dar pela frase que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias - “o que é que aconteceu

/ está acontecendo no mundo? no meu país? na minha terra?” (TRAQUINA, 2005, p.20).

As pessoas sentem a necessidade e a vontade de serem informadas ao longo da vida. No mundo contemporâneo, tudo que acontece vira notícia. Traquina argumenta que “poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' da vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédias”. (TRAQUINA, 2005, p.21)

Traquina (2005) relaciona, ainda, o exercício do jornalismo com as práticas da democracia, fazendo alusão ao jornalismo como um Quarto Poder. Traquina justifica dizendo que “porque séculos de domínio autocráticos e por vezes despótico criaram um legado de desconfiança, suspeita e medo em relação ao poder político”. (TRAQUINA, 2005, p.23)

O autor defende, também, que o jornalismo, devido à sua “autonomia relativa”, é uma fonte importante de “poder” na sociedade. Dessa forma, os jornalistas que detêm tal poder “são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Traquina salienta que as notícias estão claramente direcionadas para os acontecimentos, não para problemáticas, e deixa registrado que o jornal não busca

uma visão interpretativa dos acontecimentos de atualidade sobre os quais se debruçam; antes, fragmenta o mundo em recortes do que aconteceu, para assim o apresentar ao leitor sua visão estendida. Como admite desde o início, definir o que seja jornalismo é missão que exige muito tempo e amplas abordagens.

Traquina (2005) afirma que a "época de ouro da imprensa", foi no século XIX. Nesse tempo, houve um crescimento dos jornais, e jornalistas mais dedicados à profissão. Segundo o autor, os fatores que contribuíram para esse feito foram a "evolução do sistema econômico; os avanços tecnológicos; fatores sociais; e a evolução do sistema político no conhecimento da liberdade no rumo à democracia." (TRAQUINA, 2005, p.35)

A grande evolução do sistema econômico e os avanços tecnológicos do século XIX contribuíram muito para o crescimento dos meios de comunicação. Segundo Traquina (2005) "O desenvolvimento da imprensa está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento duma nova forma de financiamento, a publicidade". (TRAQUINA, 2005, p. 36)

Segundo Traquina (2005), foi no século XIX que os jornais passaram a divulgar informações sobre acontecimentos e deixaram de ser uma simples propagandapolítica:

No século XIX, verificamos a emergência de um novo paradigma — informação, não propaganda — que é partilhado entre os membros da sociedade e os jornalistas; a construção de um novo grupo social — os jornalistas — que reivindica um monopólio do saber — o que é notícia; e a comercialização da imprensa — a informação como mercadoria. (TRAQUINA, 2005, p.34)

Nesse período do avanço da tecnologia e do jornalismo, surgiu o telégrafo, em meados da década de 1844. Dessa maneira, os jornais firmaram um compromisso com a atualidade que, até então, era tecnicamente falho. Nessa época de desenvolvimento da imprensa, as pessoas conseguiram uma maior escolarização, aumentando, assim, o número de leitores dos jornais. "A expansão da imprensa foi alimentada pela crescente conquista de direitos fundamentais, como a liberdade, cerne de lutas políticas seculares que incendiaram revoltas e revoluções, valor central da emergência de um novo conceito de governo — a democracia" (TRAQUINA, 2005, p. 40), explana Traquina.

O novo jornalismo, assim, apareceu na forma da chamada penny press, em que os preços dos jornais ficaram extremamente baixos. Portanto, os jornais

aumentavam suas tiragens e tornava-os mais acessíveis, atingindo um público mais heterogêneo.

Devido ao objetivo de querer mais leitores, houve a necessidade de obter uma melhor utilização do espaço do jornal, ainda muito limitado. Era importante que o espaço usasse matéria que interessasse às pessoas. Com a maior diversidade nos assuntos abordados, para além das notícias sobre a política e o estrangeiro, houve espaço nos jornais da penny press para publicar notícias sobre os tribunais, a polícia, os acontecimentos da rua, os acontecimentos locais (TRAQUINA: 2005, p.55-56).

O autor ainda explica que a ideia do penny press foi fazer a mudança do jornalismo de opinião, para um jornalismo de informações. Segundo Barbeiro e Rangel(2006), a reportagem é a alma do jornalismo. Para isso, os autores defendem que “uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para as pessoas certas no momento adequado”. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 20).

Assim, o jornalismo pode construir e reconstruir a realidade por meio das suas narrativas. CORTEZ e MARQUES (2017) defendem que o jornalista cria discursos, define identidades, estabelece ídolos, heróis e mitos. Ele pode, ainda, fabricar vilões e celebridades. “Humanizar atletas e torcedores e, dessa forma, além de informar (pressuposto basilar à “ideologia jornalística” e ao ethos da profissão, como indica Traquina), pode buscar causar “sensações” em seu público, a fim de entretê-lo e de cativá-lo.” (CORTEZ e MARQUES, 2017, p.2).

1.1 Mídia e futebol

Após trazermos as definições de jornalismo, a partir, principalmente, das obras trazidas por Traquina (2005), é importante apresentarmos um panorama histórico do jornalismo esportivo no Brasil. A partir disso, conseguiremos entender por que o esporte atrai e reúne tantas pessoas, sobretudo o futebol, e por que a mídia se interessou pela área esportiva.

Se o futebol chegou ao nível que está hoje como elemento da cultura brasileira, deve muito ao papel da mídia, ou seja, o jornalismo esportivo teve grande participação na constituição do futebol como elemento cultural brasileiro. “O apogeu dos meios de comunicação de massa na segunda metade do século XX nos permitiu compreendero universo cultural em que vivemos e abriu espaço para múltiplas e complexas

discussões sociais. (SILVEIRA, 2009, p.2).

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (ERBOLATO, 1981, p. 15)

Barbeiro e Rangel defendem que “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social”. (BABEIRO e RANGEL, 2006, p. 13)

Antes do século XX não eram comuns manchetes de esportes estamparem as capas dos jornais. O remo, esporte mais popular da época, não conseguia essa façanha, muito menos os outros esportes. O que tínhamos eram apenas relatos de páginas inteiras dos jogos de times de futebol amador italiano. Segundo Coelho (2011), em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva, no jornal “Fanfulla”, mas não formava opinião. Isso fazia atingir os italianos, população cada vez mais numerosa na cidade de São Paulo. Junto a essas páginas, o rádio também começou a fazer coberturas esportivas, em meados de 1920, mas sem muito destaque. Na época, as transmissões sobre o esporte no rádio se resumiam a boletins informativos e não se restringiam apenas ao futebol, “Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes”. (COELHO, 2011, p.7)

Já Bahia (1990), defende que o início dos esportes nos jornais teria acontecido em 1856 com “O Atleta”, que trazia ensinamentos para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Em 1886, circulavam Sport e Sportman, com o título e a ortografia em inglês. O Sport, em São Paulo, trazia artigos relacionados ao físico e a mente.

Muitos autores defendem que, só em 1922, os grandes jornais dedicam sua primeira página às fotos de 4 e 5 colunas com lances de futebol. SILVEIRA (2009) discorre que, até os dias atuais, mais do que em qualquer lugar do país, no Rio de Janeiro, os jornais dedicam cada vez mais espaço ao tema esportivo. “Foi no Rio, com a aceitação de negros nos seus quadros, que o Vasco se sagrou vencedor da Segunda divisão. Dessa forma, popularizou o esporte bretão.” (SILVEIRA, 2009, p.22) A luta pela popularização do esporte no país se deu a partir da conquista da segunda divisão carioca pelo Vasco da Gama, em 1923, e que contava com negros na equipe. Segundo Coelho (2011), foi nos anos 1930 que o Jornal dos Sports nasceu no Rio de Janeiro a partir da inserção dessa nova classe social no mercado de

manchetes esportivas. E foi ele o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí.

No início dos esportes nos jornais, as rádios também passaram a noticiar os eventos. Teve sucesso imediato, visto a rapidez que o meio de comunicação possui. Mas o começo das transmissões foi um tanto quanto conturbado, pois, além da falta de qualidade técnica dos equipamentos, os organizadores acreditavam que assim eles estariam afastando as pessoas dos locais de competição. Os jornalistas de veículos impressos e de rádio se dedicavam a descobrir fatos que a televisão não mostrasse.

O preconceito com os esportes era notório dentro dos jornais. A justificativa era que apenas as pessoas de menor poder aquisitivo e cultural consumiam leituras sobre esporte. Outra ideia ultrapassada é de que todo mundo entende sobre esporte, dessa forma, pode escrever sobre.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderia tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. (COELHO, 2011, p.9).

Vários autores alegam que por muitos anos o preconceito ou desvalorização de uma editoria esportiva esteve presente nos jornais. De fato, o jornalista esportivo é, muitas vezes, desprezado pelos próprios colegas de profissão, que o consideram fazer parte de uma editoria menor. Silveira apud Coelho (2009) também critica essa teoria de que “todo mundo entende de esportes”, portanto todos podem escrever sobre o tema e que seria uma editoria sem valor. Com essa desvalorização, os salários também eram menores em relação a outras editorias.

Os salários ainda são mais baixos e a editoria, nos grandes jornais, ainda é passagem para algumas pessoas. Ao mesmo tempo em que muita gente sai da faculdade querendo trabalhar com esportes - e isso é uma faca de dois gumes, porque você precisa estar preparado para ser jornalista de qualquer área - muita gente usa a editoria como porta de entrada e pensa em mudar de editoria quando precisa de salário um pouco maior (SILVEIRA apud COELHO, 2009, p.53).

Segundo Silva (2009), o esporte não é levado a sério por ser ligado a paixão. Para ela, os jornalistas esportivos não são exigidos da mesma maneira em sua formação e acabam “confundindo sua situação de repórter com a de torcedor,

produzindo um jornalismo que, ao aproximar-se do entretenimento, acaba por ser entendido como uma editoria menor dentro do jornal.” (SILVA, 2009, p.18).

Bueno (2005), em um artigo que se propõe a mostrar os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro, adverte para o cuidado de não se cometer umageneralização na avaliação do atual estágio que caminha o setor, até por conta do conhecido preconceito que já existe em relação à editoria. Ainda hoje, o jornalismo esportivo é deixado de lado por algumas redações. Guerra (2014) explica que são raros os momentos em que vemos o exercício do jornalismo investigativo no esporte. Segundo Bueno (2005), o jornalismo esportivo, assim como o policial (com certeza ainda vistos com maior preconceito fora e dentro da profissão), representam uma escola no jornalismo brasileiro e têm sido inovadores...”. (BUENO, 2005: 1)

“O próprio avanço de espaço dos assessores de comunicação no controle do exercício profissional dos jornalistas que cobrem o dia a dia dos clubes e eventos também pode justificar a qualidade no campo da apuração” (GUERRA, 2014).

No início dos anos 1940 que o Brasil começou a vivenciar as primeiras publicações esportivas nos jornais, principalmente, nos diários cariocas e com os colunistas Mário Filho - jornalista que dá nome oficialmente ao estádio do Maracanã -e Nelson Rodrigues - aquele que apelidou ninguém menos do que Edson Arantes do Nascimento (Pelé) de rei.

Durante a década de 1950, era muito comum ver as publicações sobre esporte em forma de dramaturgia e poesia. Essa era a forma que aproximava a sociedade dos assuntos esportivos dos jornais. Segundo Paulo Vinícius Coelho, essas crônicas contribuíram muito para motivar mais os torcedores a irem aos estádios. Na década de 1960, os grandes jornais do Brasil passaram a incluir cadernos voltados para o esporte. O melhor exemplo desse tipo de publicação foi o Caderno de Esportes, que originou o tradicional Jornal da Tarde.

No cenário brasileiro atual, o futebol ocupa capa de jornais toda semana. Wisnik (2008), em “Veneno Remédio”, explana sobre como a popularidade do futebol fez com que as pessoas se tornassem os entendedores do assunto:

[...] dada a extensão que tem o futebol no Brasil, a imersão na vida futebolística se faz de uma maneira tal que não passa por uma atividade refletida, ou então passa tanto que todo mundo se considera mais na posição de ensinar futebol do que de aprender sobre ele. (WISNIK, 2008, p.12)

Marques e Rocco Jr (2014) atenta sobre como a necessidade dos veículos de comunicação de massa de ocupar fatia expressiva de seu espaço de programação com assuntos ligados ao esporte permite o surgimento de diversos produtos de mídia relacionados ao universo esportivo. Noticiários com fortes conteúdos jornalísticos dividem espaço com transmissões ao vivo e outros programas de entretenimento destinados ao fato, ao esporte em si. Um evento como a Copa do Mundo é o auge do mundo esportivo para gerar audiência e entretenimento.

1.2 Jornalismo esportivo contemporâneo

Um dos principais motivos para a mudança do jornalismo foi a internet, principalmente, no jornalismo esportivo. Sites especializados surgiram e retiraram muitos profissionais experientes de grandes veículos. Entretanto, não havia experiência de como manter esse novo tipo de negócio e muitos sites faliram. Coelho (2011) explana que muitos jornalistas importantes ficaram de fora do mercado e até hoje não voltaram para a área do esporte.

Jornalismo, na atualidade, pressupõe a atuação do repórter, que é considerado a testemunha e o agente inteligente. É o repórter que, observando os fatos, confrontando versões, vai traduzir e permitir ao leitor que se oriente diante da realidade. O repórter estará onde os leitores-ouvintes-telespectadores não puderem estar. Os repórteres fazem parte de uma cultura jornalística. Dentro dessa cultura, eles são especialistas, que dentro da sua comunidade ocupacional possuem suas tradições, preocupações e formas de fazer as coisas distintas. (SILVEIRA, 2009, p.35)

RANGEL (2008) afirma que o jornalismo esportivo vem se modificando ao longos anos “presente desde o final do século XIX no país, o jornalismo esportivo já passou por diversas transformações e hoje é um nicho importante na imprensa brasileira. Quase todos os grandes jornais do país possuem os cadernos esportivos.” (RANGEL, 2008, p. 37).

Ainda hoje, há um embate entre jornalistas esportivos e alguns comentaristas, que quase sempre são ex-jogadores, a respeito de entender sobre o tema. Sérgio Noronha (2004) defende o jornalismo esportivo feito por jornalistas e justifica:

Para ser um bom profissional, o jornalista precisa ter isenção. Um comentário pode até ter alguma repercussão junto ao dirigente esportivo e aos jogadores,

mas, em geral, os técnicos acham que o jornalista não entende tanto quanto pensa, pelo fato de não termos jogado futebol profissional. Mas não é assim que funciona, caso contrário, um crítico de teatro teria que ter sido um ator e um crítico de arte, um pintor. O que nós, profissionais, temos, na verdade, é o poder de observação, um acúmulo de conhecimento e a possibilidade de expressá-lo.” (NORONHA, 2004, p.72).

O esporte, é um assunto muito difícil de ser tratado, por não ser apenas um jogo. A importância dele, atualmente, traz uma complexidade e requer estudo e acompanhamento constante. Ele não é mais apenas uma diversão, é produtor de benefícios em todos os aspectos, desde os culturais aos industriais; desde os políticos aos econômicos.

Coelho (2011) defende que, para ser um bom jornalista, não basta apenas o conhecimento técnico. É preciso, também, saber construir uma boa história, priorizar a informação e escrever um texto atraente: “tudo isso é bom jornalismo” (COELHO, 2011, p. 41). Ele ainda ressalta que é a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas. O que não exclui que, quanto mais bem formado for o jornalista, mais fácil será adquirir técnica.

As noções técnicas da profissão dão aval a quem quiser trabalhar em qualquer área. É preciso mais esforço. Investir na cultura sobre o assunto, que não é tão fácil adquirir quanto parece. É preciso ter cuidado jornalístico redobrado. Mas os princípios da profissão valem tanto para quem tem quanto para quem não tem paixão pelo jornalismo. (COELHO, 2011, p.47)

O autor ainda comenta que é a experiência que vai ensinar ao jornalista avaliar a importância da informação e definir qual tratamento dar a ela. E ao mesmo tempo vai fazê-lo não subestimar notícias aparentemente irrelevantes (COELHO, 2011).

No jornalismo esportivo contemporâneo, o profissional deve estar preparado para falar sobre qualquer esporte, mesmo tendo uma aptidão para determinado nicho. Na entrevista feita com o jornalista Renato Cury¹, ele defende que, se o jornalista

¹ Jornalista há 15 anos, Renato Cury está na Rede Globo há dez anos e tem experiência em grandes eventos esportivos, transmissões ao vivo, produção de matérias e conteúdo para os principais telejornais da TV Globo.

esportivo pretende trabalhar em um grande canal de comunicação, precisa estar preparado para falar sobre vários esportes.

Quando você está no mercado de trabalho, por mais que você esteja alinhado com o futebol, por exemplo, pretendendo trabalhar mais com o futebol, se você tiver a ideia de trabalhar numa grande rádio, numa grande emissora, você precisa ter um compromisso de se atualizar e estar preparado para fazer outras coberturas (Informação verbal) ²

GURGEL (2009), defende que o jornalismo esportivo começou na Europa quando, em 1852, na Inglaterra, foi publicado o Sportman, o primeiro diário esportivo. Longe de ser um fato isolado, no mesmo período, as pesquisas apontam que, em outros países europeus, várias publicações esportivas estavam sendo criadas. O autor defende que, no começo, havia uma percepção do esporte num sentido mais social e de saúde, e com o passar dos anos, as práticas esportivas majoritárias, como o futebol, foram surgindo.

O nó teórico-prático sobre o “fazer jornalismo esportivo” dá-se justamente na fronteira do esporte espetáculo e agente do consumo versus esporte amador para a prática lúdica e descompromissado jornalismo do entretenimento espetacular versus o jornalismo que promove as práticas culturais em prol de uma sociedade melhor (incluindo-se o esporte nelas) versus o jornalismo que “propagandeia” celebridades e produtos na indústria cultural. (GURGEL, 2009, p.196)

De fato, um jornalista que atua na área de esportes é, antes de tudo, um jornalista.

Barbeiro e Rangel (2006) apontam, no livro “Manual de Jornalismo Esportivo”, que o jornalista que trabalha na editoria esportiva é um profissional capaz de captar, tratar e divulgar as notícias sempre levando em consideração a ética e o interesse

² Entrevista com Renato Cury. Concedida em 2 de julho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1nVfCxQGILLI&t=39s&ab_channel=PedroLeal Acesso em: 23 mar. 2023.

público.

Alguns jornais que tratam de assuntos variados, acabam regulando o espaço destinado ao esporte de acordo com cada competição esportiva. Em contraponto, os jornais com publicações especializadas em esportes, abordam com maior profundidade e conteúdo.

Já que jornalismo esportivo se enquadra como jornalismo em geral, a ética também se encontra presente e possui a mesma importância. “A ética é uma percepção do mundo dinâmico, uma vez que a sociedade se altera constantemente, e é preciso identificar onde estão os atributos virtuosos” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 115). Eles acreditam que a ética foi e ainda é o principal motivo do desenvolvimento do esporte nos jornais.

Outro ponto a se destacar é o cuidado que o jornalista deve ter ao estabelecer uma amizade com os atletas e dirigentes. Nem sempre uma boa fonte se constrói com amizade, e sim, com respeito. É necessário saber separar as amizades do relacionamento profissional. “Não jogue no time do cartola ou do jogador. O segredo da profissão é respeito ao trabalho alheio e isenção” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.115).

Na entrevista, Cury (2020), relata que o respeito é a chave principal para o jornalista conseguir uma boa fonte.

A melhor forma de você construir uma fonte é uma relação transparente, profissional e de respeito. Você não constrói relações profissionais e respeitadas necessariamente com amizade. Se você construir amizade, tudo certo, não tem problema. Mas você não precisa necessariamente ser amigo de uma fonte. Essa fonte precisa confiar no seu trabalho. Seu trabalho precisa ser um trabalho de credibilidade e sério. Essa fonte vai entender que vale a pena construir uma relação com você. É primordial que esta fonte confie muito em você e confie na credibilidade do teu trabalho. (informação verbal)³

³ Entrevista com Renato Cury. Concedida em 2 de julho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1nVfCxQGLLI&t=39s&ab_channel=PedroLeal Acesso em: 23 mar. 2023.

O jornalista pode ter um amigo como fonte, desde que ele respeite as relações desde que seu trabalho e a notícia sejam a prioridade. Cury (2020), acredita que não há um conflito de interesse em uma relação respeitosa entre fonte e jornalista e explana sobre o limite desse relacionamento.

Eu não vejo conflito de interesse em você ter uma relação próxima com um jogador, dirigente ou técnico. Há um conflito de interesse a partir do momento que você tem uma informação pertinente sobre um assunto e você deixa de dar essa informação por uma relação extraprofissional. O limite da relação entre o jogador e o jornalista é você estabelecer desde sempre e deixar de forma clara e transparente que essa relação entre vocês jamais vai sobrepor a informação e a sua responsabilidade e teu princípio jornalístico. A notícia é muito mais importante. (Informação verbal)⁴

O jornalista não pode deixar de informar, apenas para proteger uma fonte. O trabalho tem que vir em primeiro lugar. Paulo Vinicius Coelho, em seção intitulada “Histórias da paixão”, do livro “Craques da emoção”, é mais enfático em dizer que “o jornalista não é amigo, nem confidente. Informação apurada vira informação publicada, depois de checada.” (COELHO, 2004 p.16). Ainda acrescenta seu ponto de vista dizendo que “a cara feia de quem pensava ser amigo pode ser fome, que você só não vai passar se trabalhar direito e publicar tudo o que deve ser publicado” (COELHO, 2004 p.16)

Já em seu livro “Jornalismo esportivo” (2011) Coelho discorre, também, sobre o diploma de jornalista. Para o autor, mais importante da profissão, hoje, é o conhecimento, uma vez que “o conhecimento adquirido poderá permitir-lhe maior compreensão dos fatos, o que certamente lhe facilitará o contato com as fontes e lhe dará condição de construir matérias muito mais detalhadas do que seu colega sem a mesma cultura específica.” (COELHO, 2011, p. 44)

⁴ Entrevista com Renato Cury. Concedida em 2 de julho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1nVfCxQGLLI&t=39s&ab_channel=PedroLeal Acesso em: 23 mar. 2023.

Atualmente, as redações esportivas das grandes mídias do país, na maioria das vezes, são formadas por alguns jornalistas com um prestígio no mercado.

Para Coelho (2011), o conhecimento adquirido em uma faculdade de jornalismo sobre a especialização na área do esporte é, quase sempre, abaixo do ideal. Ele justifica dizendo que existem muitos caminhos a serem explorados. Coelho (2011) ainda diz que, apenas o conhecimento técnico não é o suficiente, somado a isso é preciso saber construir uma boa narrativa, priorizar a informação e escrever um texto atraente: “tudo isso é bom jornalismo. É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas. O que não exclui que, quanto mais bem formado for o jornalista, mais fácil será adquirir técnica.” (COELHO, 2011, p. 41).

Cury (2020), defende o mesmo ponto de vista. Segundo ele, para se tornar um grande jornalista esportivo, é preciso ter paciência e vivência.

Requer tempo e experiência. A única forma de você se tornar um grande jornalista e um grande profissional vai ser com tempo e com experiência. O que a gente aprende na faculdade é fundamental, mas quando a gente tem acesso ao mercado e a prática, a gente percebe as inúmeras diferenças e tem coisas que só aprendemos vivenciando. (Informação verbal)⁵

Para estar sempre bem-preparado, o jornalista esportivo precisa, diariamente, buscar o maior número de informações. Não é possível saber tudo sobre todos os esportes, mas é importante se atentar aos principais do país e não ficar preso em uma bolha de futebol. Faz-se necessário criar uma agenda com os contatos de telefone das personalidades do meio esportivo brasileiro. “A tarefa não é simples. Exige rigor na informação, cuidado na apuração, checagem exaustiva. Implica passar horas ao telefone.” (COELHO, 2004, p.15)

Jornalismo é relacionamento. Todo jornalista busca, diariamente, uma matéria

⁵ Entrevista com Renato Cury. Concedida em 2 de julho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1nVfCxQGLLI&t=39s&ab_channel=PedroLeal Acesso em: 23 mar. 2023.

exclusiva ou um furo de reportagem, mas dificilmente haverá rivalidade entre os colegas de profissão. Pelo contrário, no jornalismo esportivo, particularmente, os jornalistas são companheiros e, quase sempre, frequentam os mesmos locais de trabalho, todos os dias. Por isso, Barbeiro e Rangel explanam que “o jornalista esportivo, pela tipicidade do seu trabalho, precisa estar apto a lidar com frustrações, controlar emoções e se relacionar com pessoas.” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 48).

É preciso entender também, que uma entrevista exclusiva nem sempre é a responsável por fazer um jornalista esportivo crescer na carreira. Muitas vezes, o mais importante para obter uma notícia é estar atento aos detalhes escondidos, como em uma coletiva de imprensa.

1.3 Início no rádio

Para falarmos sobre o telejornalismo esportivo, precisamos, primeiro, falar sobre o início da transmissão esportiva, que tem suas raízes no radiofônico. “O rádio foi o primeiro veículo de comunicação a ver e dar oportunidade ao futebol. No início, o rádio anunciava informações curtas como resultados das partidas.” (SCHETINI, 2006, p.28)

Jamile Dalpiaz, em sua dissertação de mestrado, realizou um resgate histórico do futebol nas rádios, em especial das porto-alegrenses. A autora aponta que o pioneirismo das transmissões de futebol pelo rádio no Brasil é motivo de polêmica, assim como todo o jornalismo esportivo no Brasil. Ela defende que o radiojornalismo esportivo iniciou -se em 1931, assim como a primeira transmissão direta do futebol “Nicolau Tuma, narrou de forma integral e ininterrupta, pela Rádio Educadora de São Paulo, o jogo entre as equipes de São Paulo e Paraná, válido pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol.” (DALPIAZ, 2002, p.53). Foi então, Nicolau Turma, o narrador responsável por transformar uma partida de futebol em espetáculo radiofônico.

Com o desenvolvimento tecnológico, as rádios tiveram que inovar para manter e/ou conquistar as audiências “Os anos 30 ampliam os “pequenos boletins esportivos” em narrações de partidas, pioneiras, precárias, mas carregadas de uma imensa criatividade na voz dos locutores. Nasce, assim, a narração lance por lance, um grande avanço, pois anteriormente as transmissões limitavam-se a indicar o nome do

jogador que chutava a bola”. (DALPIAZ, 2002, p. 70).

Na década de 40, foi possível transmitir uma partida que estivesse ocorrendo em outro país. Quase no fim dos anos 50, começa uma padronização nas transmissões esportivas. Dalpiaz (2002) defende que naquele tempo havia muita dificuldade técnica e buscava-se baratear ao máximo os custos, apesar de já começarem esboçar os moldes de como as transmissões ocorrem hoje.

As ligações telefônicas, por exemplo, eram caras e escassas. Os salários dos profissionais eram da mesma forma reduzidos e ainda não se tinha um grau considerável de especialização das tarefas desempenhadas numa transmissão: muitas vezes o próprio narrador era o técnico, o motorista e, também, o comentarista (DALPIAZ, 2002, p.56)

Segundo Dalpiaz (2002), não há como definir uma data precisa, mas foi a partida da copa de 58, vencida pelo Brasil, que as rádios começaram valorizar os comentaristas, os repórteres e as transmissões esportivas se tornaram cada vez mais jornalísticas.

GURGEL (2009), aponta que o futebol, a partir da década de 1930 despontou como o grande esporte no país, rompendo com seu passado elitizado e ganhando entre todas as classes sociais. Segundo o autor, o rádio tem papel importante e inquestionável nesse processo, já que ele permitiu a uniformização da informação, em um país com grande nível de analfabetismo, a começar pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, que levava a paixão pelos clubes cariocas aos mais profundos rincões do Brasil. “Ainda hoje, percebemos a marca dos meios de comunicação na propagação do futebol pelo país” (GURGEL, 2009, p.198).

Guerra (2006) aponta que, para aflorar a imaginação do torcedor e conquistar grandes audiências, narradores no rádio e na televisão utilizaram formas criativas. “Inventaram bordões e buscaram no próprio povo expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando.” (GUERRA, 2006, p.3). Nos dias atuais, é perceptível essa forma de comunicação que os locutores buscam, para criar uma identidade com o público.

Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinônimas, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque “você vê o jogo, ouvindo a rádio...” ou porque, “a gente se vê por aqui”, o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem (seja no campo ou através da tv) não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento. (GUERRA, 2006, p.3)

No início, a rádio não acreditava na possibilidade de ser ameaçada pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão. Mas quando surgiram os jogos pela TV, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação.

O rádio desperta a imaginação. Quando o locutor narra que o goleiro fez uma defesa sensacional, podemos criar em nossa mente o lance que desejamos. Mas, se estamos na frente da televisão, como colocar a imaginação para funcionar? Não dá, é aquilo e pronto. Esta é, sem dúvida, a fundamental diferença entre os dois meios de comunicação. (MENDES, 2004 p.54)

A transmissão via rádio é tão marcante que, ainda hoje, muitos torcedores vão ao estádio com seu radinho na mão, para ouvir detalhes da partida.

Atualmente, a Rádio Globo, Rádio Bandeirantes e Jovem Pan lideram a audiência do rádio quando se trata de esportes. Elas costumam utilizar o mesmo estilo de transmissão e narração que vão se repetindo a cada jogo.

1.4 Telejornalismo esportivo

Se antes tínhamos apenas a narração da rádio, a televisão veio para mudar as formas de percepções esportivas. “Agora, a narrativa deveria complementar aquilo que a imagem mostrava. Um grande desafio para muitos locutores.” (SCHETINI, 2006,p. 38).

Sem poder utilizar da “fantasia”, e mexer com o imaginário do torcedor, assim como o rádio sempre fez com muito sucesso, “a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações etc.)” (GUERRA, 2006,p.14).

A TV apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia. Enquanto o rádio fortaleceu a prestação de serviço. Nas concentrações, nas ruas, nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica. (GUERRA, 2006, p.14)

Segundo Guerra (2006), as primeiras partidas de futebol transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção. O autor justifica isso, atribuindo ao

fato de os narradores buscarem uma nova forma de narração, que diferenciase do rádio. Além disso, “havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo.” (GUERRA, 2006, p. 13).

As transmissões esportivas televisivas começaram, no Brasil, em meados da década de 1950, com recursos muito precários e com falhas recorrentes de sinal, devido à falta de recursos da época. Mas, desde sua chegada, o futebol já caiu nas graças do brasileiro, tornando-se assunto popular e midiático.

O jornalismo esportivo, antes menosprezado nos jornais impressos, tornou-se com o passar dos anos e, principalmente, após o advento da televisão no Brasil, assunto importante na grade das emissoras. O esporte passou a ser utilizado como um meio de comunicação em massa.

Foi em uma Copa do mundo de futebol, a primeira transmissão ao vivo de um evento esportivo para todo o planeta. Em 1970, no México, o mundial foi transmitido no Brasil pelas TV Globo, TV Tupi e TV Record. Segundo Ribeiro (2007), Walter Clark, o principal diretor do Grupo Globo na época, foi o responsável pela negociação da compra dos direitos de transmissão, no valor de 750 mil dólares. “Apesar da força do rádio, quem poderia deixar de assistir à primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão? O problema é que nem todos tinham televisão, e muito menos receptores que recebessem a transmissão colorida” (RIBEIRO, 2007, p. 210)

Por causa das dificuldades técnicas e constantes quedas de sinal, as emissoras tiveram que ter um narrador em stand-by caso algo desse errado. Foi então que Léo Batista, da Globo, narrou o primeiro gol transmitido ao vivo para o Brasil, na partida entre Peru e Bulgária.

Já a primeira transmissão em cores de uma partida de futebol na América do Sul foi realizada poucos anos depois. Em 1972 a TV Rio exibiu ao vivo Caxias e Grêmio. A narração foi feita por Luiz Mendes e o jogo terminou empatado em zero a zero.

A Copa do Mundo seguinte foi transmitida no Brasil pela Globo e pela Tupi. As televisões Bandeirantes, Record e Gazeta fizeram uma transmissão em conjunto, chamada de pool. Ribeiro explica que “somente um jogo era transmitido ao vivo, e outro, escolhido entre os melhores do dia, era gerado em videotape.” (RIBEIRO, 2007, p. 228).

Noronha (2004), elogia a cobertura esportiva no rádio, mas acredita que “na transmissão do jogo em si, em qualquer lugar do mundo, a televisão é imbatível.” (NORONHA, 2004 p.72). Isso porque a TV conta com imagem, ilustração (narrador), comentarista, repórter e ainda a reprise do lance em vários ângulos.

2 COPA DO MUNDO: 92 ANOS DE HISTÓRIA

O futebol é um grande símbolo da cultura brasileira contemporânea. “As competições entre seleções, principalmente nas Copas do Mundo, são um marco dessa identificação da equipe que representa o país com os seus torcedores.” (HELAL E BRINATI, 2014, p.138)

Desde 1950, quando o Brasil sediou uma Copa do Mundo, inaugurando o maior estádio do mundo, o Maracanã, que o brasileiro começou se identificar com o futebol brasileiro. Mas foi após a Copa de 58 que a seleção brasileira se tornou símbolo do esporte mundial e parte da cultura do país. “Os brasileiros começaram a ver o futebol como uma real possibilidade de destaque internacional somente após a vitória na Copa do Mundo de 1958, na Suécia.” (GASTALDO, 2000, p.20)

A cultura é tão marcante no país, que mesmo com a derrota do Brasil para a França na final de 1998, os brasileiros continuaram afirmando que somos os melhores do mundo no futebol:

Logo após a derrota, um VT veiculado pela Rede Globo mostrava cenas das outras campanhas vitoriosas da seleção e cenas de futebol de várzea, com a seguinte locução em off: Valeu, Brasil! A imagem que fica do nosso futebol é essa: afinal, somos os melhores do século. Seremos sempre o país do futebol. Bola pra frente! A Globo é mais Brasil! Quando a locução em off fala em “imagem que fica”, refere-se a uma definição de realidade, à impressão causada aos outros, os demais países do mundo, pelo “nosso” desempenho no campo de futebol (GASTALDO, 2000, p. 48).

Essa convicção do brasileiro é explicada por Ribeiro (2012), “algo atávico ao povo brasileiro”. Nem mesmo após o vexame brasileiro da Copa de 2014, perdendo de sete a um para a Alemanha, fez o brasileiro desacreditar na seleção penta campeã do mundo. Essa imagem do brasileiro atrelada ao futebol foi construída socialmente e historicamente ao longo dos anos.

Para Gastaldo (2000), a Copa do Mundo é um momento único, já que nenhum outro evento concentra tanta gente na frente da TV para ver a mesma coisa. É a hora em que todo mundo se veste de verde e amarelo, em que todo mundo canta o Hino Nacional, em que todos se abraçam, choram, vibram.

A Copa do mundo ofusca até mesmo as eleições nacionais, pela mobilização que sempre causa nos brasileiros:

Considero que uma Copa do Mundo representa para os brasileiros o verdadeiro momento ritual de celebrar a nacionalidade. O sete de setembro (a data considerada “oficial” para esta celebração dos valores nacionais) e seus desfiles de carros de combate representam muito mais a memória da recente ditadura militar do que um genuíno sentimento popular de pertencimento a uma nação. Durante uma Copa do Mundo se celebra o ideal de nacionalidade triunfante, num clima de competição internacional em que o Brasil é sempre favorito, “o melhor do mundo”, mesmo quando perde (GASTALDO, 2000, p. 26- 27).

Em 2022, milhões de brasileiros ficaram receosos de vestirem a camisa da seleção brasileira, tendo em vista, o caos político que o Brasil vivia até a época do torneio, na luta contra a barbárie. No entanto, a Copa serviu como elemento de “águas passadas” e os brasileiros, na sua maior nacionalidade, puderam usar a camisa do Brasil, durante o mundial.

2.1 Copa do Mundo como maior megaevento esportivo

José Guibson Dantas apresenta o evento como o principal do esporte mundial. “A Copa do Mundo se destaca como o mais importante evento do futebol, com lugar de destaque na agenda de discussão em nível local e internacional.” (DANTAS, 2014,p.20)

A copa do mundo consegue ser maior que os jogos olímpicos “por concentrar as atenções num só esporte” (DAMATTA, 2006: 34) o que facilita o entendimento de suas regras e uma maior aceitação por parte do público.

Nesse mesmo estudo da INTERCOM, Anderson Gurgel, docente de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, apresenta o tópico “*Copa do Mundo como megaevento esportivo: Afinal do que estamos falando? Uma abordagem comunicacional sobre a maior festa do futebol*” e justifica a importância da copa do mundo e porque ela é o maior evento esportivo do planeta. Por mais que existem diversos campeonatos mundiais como o de Atletismo e Natação ou, ainda copa do Mundo de Rugby, nenhum chegará ao alcance que a copa do mundo de futebol tem. Alguns desses casos fazem parte das atividades do ciclo de Olimpíadas e das Copas do Mundo de Futebol — caso da Copa Libertadores de América e dos Jogos Pan- - Americanos. De fato, são bastante expressivos em alguns países, mas não alcançaram a importância dos megaeventos.

O acúmulo gerado numa Copa do Mundo, por exemplo, não é somente de esporte enquanto prática. Em um megaevento esportivo, além de competição, gasta-se — ou consome-se, depende do ponto de vista — em demasia também outros recursos: os investimentos para a realização dessas atividades são altíssimos; as demandas de infraestrutura e segurança, não ficam por menos; os países e as cidades-sede precisam despende muito dinheiro e costurar inúmeros acordos políticos para viabilizar a festa do esporte. (GURGEL, 2014, p.312)

Quando se trata de uma copa do mundo de futebol, “há um importante viés comunicacional, pois há uma superexposição midiática do esporte”. (GURGEL, 2015, p.2). O autor ainda exalta que, qualquer evento com essa grandeza, vai estar, quase sempre, entre os assuntos mais pertinentes dos jornais. “Durante o período do megaevento, ele vai dominar boa parte da pauta dos assuntos relevantes do período.” (GURGEL, 2015, p.2).

De igual maneira, recursos, tanto humanos quanto financeiros, são canalizados para realizar jornalística, publicitária e mercadologicamente, essa festa globalizante em detrimento de outros setores também importantes para o bom funcionamento da sociedade. (GURGEL, 2015, p.2).

Desde sua primeira exibição, as emissoras buscam ter o direito de transmissão da Copa do mundo. Na Copa de 1958, os direitos de exibição eram da TV Tupi. “Na Europa, pela primeira vez os jogos seriam transmitidos ao vivo, enquanto no Brasil os filmes ainda seriam exibidos com dias de atraso, além de editados com meia hora de duração” (RIBEIRO, 2007, p.164), explana Ribeiro. Um fato curioso da época, contado por Ribeiro (2007), foi proporcionado por Pipa Amaral, proprietário da TV Rio, que queria exibir os jogos também. Dessa forma, fez com que alguns de seus funcionários entrassem disfarçados no estádio para gravar as partidas.

Na Copa de 1962, no Chile, a torcida brasileira só pôde acompanhar o mundial pelo videoteipe. Dois dias depois que a partida foi encerrada, ela poderia ser assistida íntegra. “As exibições inéditas eram fruto de uma parceria entre as duas maiores emissoras do país: Record e Tupi, com o apoio técnico da Televisa, do México, e o dinheiro de Adhemar de Barros, então candidato a governador de São Paulo” (RIBEIRO, 2007, p. 187), conta Ribeiro. A narração das partidas era compartilhada por profissionais de duas emissoras. Raul Tabajara, da Record, e Walter Abraão, da TV Tupi. Cada tempo da partida era narrado por um.

2.2 TV Globo

Segundo Tavares (2014), o conglomerado carioca de empresas majoritariamente de comunicação social foi iniciado com a criação do jornal O Globo por Irineu Marinho, em 1925 e “foi comandado por quase oito décadas por Roberto Marinho, jornalista que encaminhou, além da consolidação do referido jornal, a criação da Rádio Globo (1944) e da TV Globo (1965).” (TAVARES, 2014, p.15)

Felipe Portes Rizzo Assunção (2006), em sua dissertação de mestrado que pesquisa o processo de internacionalização da Rede Globo, aponta que ela foi fundada em 1964, a partir da concessão da operação do canal 4, mas que tinha um alcance limitado ao Estado do Rio de Janeiro. Nessa época, pertenciam ao Roberto Marinho: “um jornal de circulação nacional, fundado em 1925, uma rádio AM fundada em 1944, uma editora fundada em 1950 e outros investimentos de menor peso, fora do ramo da comunicação.” (ASUNÇÃO, 2006, p.69)

O início de sua história tem relação com a ditadura militar no país. Segundo Savenhago “o governo precisava de um canal de difusão de uma propaganda positivado Brasil — suas belezas naturais e suas conquistas — abriu-se o campo para uma emissora poderosa.” (SAVENHAGO, 2011, p. 27) A emissora recebia privilégios do governo na época.

A partir do início dos anos 70, a TV passa a ser o carro-chefe das Organizações Globo. Em 1990, foi criada a Globosat, empresa de canais por assinatura pertencente às Organizações Globo. Além disso, foi criado o primeiro canal exclusivamente dedicado aos esportes no país: o SporTV. “Se em décadas passadas todos duvidavam que uma programação esportiva no rádio pudesse fazer sucesso, agora o Brasil passava a ter não um, mas dois canais específicos de esportes na TV a cabo, mais o conteúdo gerado pelas emissoras de canal aberto” (RIBEIRO, 2007, p. 279)

Atualmente, é a maior emissora da televisão brasileira. Ela transmite a Copa do Mundo desde 1970. Naquela copa, os jogos foram transmitidos em cores e ao vivo para todo o Brasil. A Seleção Brasileira de Pelé deu show, conquistou o seu terceiro título mundial.

A partir dos anos 1990, a Globo se tornou destaque no país já que conseguiu “reunir a maior estrutura tanto em equipamentos como em profissionais e, através disso, passou a conquistar uma grande audiência do público”. (OLIVEIRA, 2016, p. 24). Olivera (2016) aponta ainda, que foi nessa época que se inseriu o replay com

vários ângulos na tevê brasileira e muitos outros recursos que só viriam a aprimorar as coberturas esportivas no Brasil.

Segundo Coelho (2011), a Globo é detentora dos direitos exclusivos de transmissão do Campeonato Brasileiro de futebol desde 1995. A partir disso, foi conquistando o monopólio das transmissões das mais diversas competições nacionais e internacionais.

Coelho explana que a Globo se tornou tão influente no país, que os clubes passaram a depender da emissora. No início, acreditaram que seus lucros fossem aumentar, mas hoje as equipes de futebol dependem da TV. “A emissora transmite os jogos como show. Quase nada anda errado” (COELHO, 2011, p. 64). Segundo o autor, apesar do caráter jornalístico e mesmo tendo todos os elementos a favor, uma matéria jornalística é o que menos aparece em uma transmissão esportiva “tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres.” (COELHO, 2011, p. 64). O jornalista esportivo, geralmente, ignora um dos princípios da profissão, que é a busca pela objetividade.

No fim dos anos 1980, a Globo não transmitia muitas competições. Logo, a Record e a Bandeirantes disputavam a liderança das audiências esportivas. “A Bandeirantes até se intitulou “O Canal do Esporte” e transmitiu jogos com exclusividade em campeonatos brasileiros de 1986 a 1993” (COELHO, 2011, p. 65). Ainda assim, sempre no dia seguinte aos jogos, a Rede Globo apresentava os melhores momentos, no principal programa esportivo do Brasil, o Globo Esporte. Para Coelho, a emissora “em suma, fazia jornalismo.” (COELHO, 2011, p. 65)

Ribeiro (2007), aponta que o mais difícil para as outras emissoras, era superar a Globo nas grandes coberturas, como a de uma Copa do Mundo, por exemplo. O principal motivo dessa dificuldade era financeiro.

A Rede Globo comprou os direitos da Copa do Mundo de 1982, na Espanha, por 14 milhões de dólares. Desde aquela época, a estrutura da emissora era a melhor entre as concorrentes. Ribeiro conta que, com o passar dos anos, os investimentos foram aumentando, e na Copa de 86 a estruturação foi ainda melhor:

Na Copa do Mundo do México, em 1986, ninguém podia reclamar. Assim como acontecera na Copa de 1974, a TV Globo não conseguiu exclusividade do evento, e um novo pool de emissoras foi formado para transmitir os jogos. Record, Bandeirantes e SBT criaram até um slogan para o trabalho: “Unidos Venceremos”. (RIBEIRO, 2007, p. 263)

Quem abrilhantou a cobertura da Globo como narrador na copa de 1986 foi o Galvão Bueno. Osmar Santos seria o narrador titular daquele mundial, mas teve um problema de saúde e foi substituído pelo novato, que tinha sido contratado em 1981 para a transmissão da Fórmula 1. Naquele ano, a Globo tinha a concorrência da TV Manchete.

Inovação e investimentos já estavam presentes nas transmissões da Globo durante a Copa do Mundo de futebol de 1998. A emissora colocou quatro câmeras exclusivas no campo, um *super slow motion* e recursos de *touch screen* para os apresentadores analisarem as jogadas. “Investir em um evento de alcance mundial era quase uma obrigação, ainda mais com o número impressionante de telespectadores que passaram a acompanhar o maior evento do futebol mundial” (RIBEIRO, 2007, p. 279)

Segundo Coelho (2011), em 1998, a TV Globo investiu incríveis 220 milhões de dólares para ter os direitos de transmissão da Copa do Mundo na França. Todo esse valor para, simplesmente, não correr o risco de ser ultrapassada pela concorrência brasileira. Dessa maneira, “deu munção ao grupo alemão Kirch, que iniciou assim uma luta para triplicar os preços dos direitos de transmissão do mundial.”(COELHO, 2011, p.69).

Naquela copa, para as outras emissoras de televisão restaram à realização de rodas de conversas com a participação de suas maiores estrelas. Mesmo sem poder exibir jogos ou compactos, a concorrência entre as emissoras era enorme” (RIBEIRO, 2007, p.293), conta Ribeiro. Segundo Ribeiro (2007), quase todos os grupos de comunicação contrataram um time de peso para o campeonato de 1998. O convidado mais investido e comentado foi Romário, pela TV Globo. A emissora pagou 40 mil reais para cada participação do ex-jogador. “A última Copa, antes da virada do séculoXX, atingiu a espantosa marca de 3,5 bilhões de telespectadores em todo o mundo” (RIBEIRO, 2007, p. 294). Coelho (2011), aponta que as emissoras sabem se a transmissão está sendo valorizada através do índice de audiência.

Coelho (2011) faz uma crítica a exclusividade de exibição quando uma emissora tem direitos de transmissão. Isso porque muitas vezes as concorrentes não têm permissão nem para exibir os gols dos confrontos. “Que a Globo comprou os direitos e que isso lhe dá direito exclusivo de mostrar as partidas na íntegra, não há dúvida. A questão é tolher o jornalismo, castrar o direito à informação do resto dos telespectadores” (COELHO, 2011, p. 66), aponta o autor. Ele questiona as emissoras

que possuem essa exclusividade e não transmitem o jogo na íntegra. Muitos jogos são excluídos de alguns estados na TV aberta, para “obrigar” os telespectadores assinarem o pacote de transmissão de jogos da empresa. “A Globo escolhe os jogos que compra e decide se quer ou não os transmitir. Mas ela tem esse direito?” (COELHO, 2011, p. 67), Segundo ele, essa proibição não é jornalismo.

Anderson Gurgel defende que os direitos de transmissão dos grandes eventos esportivos são vendidos em contratos “casados” envolvendo direitos para televisão aberta, por assinatura e internet. “Um bom exemplo disso, no Brasil, é a Rede Globo, com as transmissões esportivas na TV Globo, canal aberto, e na Sportv, por assinatura, e no GloboEsporte.com, dentro do Portal G1, na internet.” (GURGEL, 2009p.202)

2.3 Copa de 2022

Em todas edições de Copas do Mundo, existiram restrição quanto à participação de apenas 32 países entre as mais de 200 federações de nações filiadas à FIFA. Esse fato traz mais visibilidade aos participantes, “o que acabava facilitando a construção de um discurso hegemônico - que na maioria das vezes ultrapassa as fronteiras do esporte.” (DANTAS, 2014, p.20)

Todas as Copas são marcadas de alguma forma. Segundo Dantas (2014), para o país que sedia o mundial, a importância da Copa em termos de propaganda estratégica ficou evidenciada na Copa de 2002, também conhecida como “Copa da Ásia”, quando Japão e Coreia do Sul organizaram o evento. O autor destaca ainda, as Copas de 1982 e 2006:

Ao longo da história das Copas, outros países sedes a utilizaram para fins políticos. Na Copa de 1982, a monarquia espanhola aproveitou os holofotes para legitimar sua condição numa Espanha ainda regida pelas lembranças do franquismo. Já na Copa de 2006, a Alemanha mostrava ao mundo um país sem divisões, já que foi a primeira participação desse país como nação unificada desde a Copa de 1938, na França

No entanto, duas edições de Copas ganharam destaques como eventos propagandísticos do regime autoritário que vigorava nesses países-sedes: “Copa do Mundo de 1934 na Itália, a serviço do governo de Benito Mussolini e a 1978, na Argentina, planejada pela sangrenta ditadura militar argentina.” (DANTAS, 2014, p.21)

Já a Copa de 2022, ficou marcada pelo conservadorismo e preconceito do país sede, Qatar. O país é conhecido pelas suas violações aos direitos humanos. As mulheres não têm direitos assegurados em um país com leis machistas. Segundo o Human Rights Watch, órgão que realiza pesquisas sobre os direitos humanos, o país adota regras discriminatórias de tutela masculina, negando às mulheres o direito de tomar decisões sobre suas vidas.

Somado a isso, o código penal do Catar criminaliza todas as formas de sexo fora do casamento, com sentenças que podem ir até os sete anos de prisão, com a possibilidade de açoitamento ou apedrejamento caso a mulher seja muçulmana. No país, a denúncia de estupro pode ser considerada como uma confissão, destacou a instituição.

Os LGBTQIAPN+ também sofrem com o desrespeito aos direitos humanos no país. O grupo é impossibilitado de exercer seu afeto e sua sexualidade. O Código Penal do Catar proíbe a homoafetividade para homens e mulheres e prevê, como pena máxima, até o apedrejamento.

Apesar de prever em seu estatuto, no artigo 3, a proteção dos direitos humanos, a Fifa não se posicionou sobre o assunto. Outra situação ocorrida no país é o desrespeito aos operários em situação análoga à escravidão.

Houve muitas denúncias de veículos internacionais e entidades sobre as condições de trabalho que os operários das obras da Copa do Mundo, em sua esmagadora maioria imigrantes, passaram no país.

3 PADRÃO GLOBO DE JORNALISMO

A imprensa esportiva contemporânea, durante os grandes eventos, demonstra, em suas narrativas, uma tendência de se aproximar do esporte como entretenimento, deixando por vezes de lado a sua função informativa e, até mesmo, educativa. Em contrapartida a essa tendência, “em momentos de confronto com outras nações em escala global, o nacionalismo aflora como elemento de atração de audiência.” (ROCCO JR, 2014, p.174). Guerra (2014), também discorre acerca do entretenimento no jornalismo.

Não é novidade que a discussão sobre a mistura do jornalismo com o entretenimento tem provocado sérias discussões, onde se questiona os caminhos e valores que a informação está tomando. A descaracterização da função do jornalismo na sociedade tem que ser debatida e refletida, sob pena de termos que mudar conceitualmente as definições desta atividade profissional. Discussões que tragam a possibilidade de uma descoberta das razões que levaram a uma mudança no trato da informação, seja por parte de quem a divulga, como por quem a recebe. (GUERRA, 2014, p.160)

Juca Kfourri, jornalista do UOL também aponta esse fato dentro do jornalismo esportivo. Segundo ele:

O show precisa continuar, mas o jornalista não é nem artista nem ilusionista, precisa se preocupar em jogar luz sobre os fatos, por mais que a cobertura esportiva seja contaminada, necessariamente, pela emoção que desperta. Entre a euforia e a depressão há um espaço enorme, exatamente o que permite o exercício do bom jornalismo. (KFOURI, 2004, p.11)

A mudança na percepção da identidade, possivelmente, afetou também a relação do público com a comunicação (Guerra, 2014).

Marshall (2003) acredita que o jornalismo vem se curvando ao sistema e com isso, flexiona junto seus conceitos, valores, padrões e posicionamentos. “[...] provocam mudanças nas relações dentro das redações dos jornais, na interação do profissional com a sociedade, nas escolas de jornalismo, na hierarquia dos saberes, na dinâmica das mentalidades, no artesanato das notícias e no cotidiano do fazer jornalístico”. (MARSHALL, 2003, p.24). Esse comportamento fez com que jornalistas se voltassem para o sistema do mercado, que o interesse da empresa é maior do que o senso crítico do profissional.

No jornalismo esportivo, há um embate entre torcer e informar. É natural que exista uma forma diferente de cobertura durante um evento de Copa do Mundo, em

que os narradores, comentaristas e repórteres defenderão, quase sempre, a seleção de seu país. Esse ponto de vista é explanado no livro *Jornalismo Esportivo: os craques da emoção*, por Juca Kfourri:

Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras. Se nas guerras a primeira derrotada é sempre a verdade, no esporte nada justifica a repetição do mesmo fenômeno. Jornalistas que saem do seu país para um evento esportivo internacional têm apenas um compromisso: com o leitor, com o telespectador, com o ouvinte. (KFOURI, 2004, p.9).

Para a Central da Copa, além de outros programas, a Globo preparou um estúdio especial 270º, que promove uma imersão na cultura catari através da “caixa mágica”. A partir de imagens de três câmeras em alta definição instaladas no Souq Waqif, tradicional mercado de Doha, são criados efeitos visuais exibidos em painéis de led ao fundo do cenário, gerando a sensação de que o estúdio está no local do evento. Para isso, foi feito um uso intensivo de computação gráfica e com técnicas de holografia. O espaço também conta com um portal que amplia a conexão Brasil-Catar, em que os jogadores poderão atravessá-lo, a partir de projeções de imagens que utilizam a técnica de realidade aumentada.

3.1 #TamoJuntoPelaCopa

Os jogos analisados foram realizados nos dias 24 de novembro de 2022, 28 de novembro de 2022 e 02 de dezembro de 2022, entre as seleções do Brasil e da Sérvia, do Brasil e da Suíça, do Brasil e de Camarões, respectivamente. As partidas foram transmitidas ao vivo pela emissora observada nesse trabalho, a TV Globo.

Sob o lema “Tamo Junto pela Copa”, a Globo preparou uma ampla cobertura para o Mundial do Catar. Nas transmissões dos jogos do Brasil na TV Globo, o pentacampeão Roque Júnior foi o comentarista, assim como Ana Thaís Matos e o “Maestro” Júnior. Galvão Bueno foi o narrador e Paulo Cesar de Olivera o analista de arbitragem. A jornalista e apresentadora Ana Thaís entrou para a história como a primeira mulher a comentar jogos da seleção brasileira na TV aberta em uma Copa do Mundo.

Além disso, foram mais de 500 profissionais envolvidos para a cobertura, transmissões e programas na TV Globo, Sportv e GE. O ex-jogador, Diego Ribas, junto a lateral do Corinthians e da seleção feminina, Tamires, assim como as ex-

jogadoras Formiga e Cristiane fizeram parte do time da Globo no mundial.

Segundo declarações do próprio Galvão Bueno, esta foi a sua última copa do mundo dele como narrador. Em todas as partidas da seleção brasileira, ele foi o responsável por conduzir a transmissão.

Barbeiro e Rangel (2006) defendem que o narrador ser um âncora durante as transmissões. Ele deve comandar tudo durante a cobertura do evento. O narrador:

É a acomodação do bom humor com a fidelidade das notícias e a perpetuação do conceito ético no esporte. Em vez de alguém que apenas narra o que vê, ele se transforma em um participante ativo de todas as etapas do processo de uma transmissão esportiva, desde a elaboração da pauta até o balanço final da transmissão. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 74).

Devido o seu papel de narrador, Galvão Bueno tem a missão de trazer a dinâmica para a transmissão, considerada peça fundamental por Barbeiro e Rangel (2006). Essa dinâmica é responsável por prender a atenção do telespectador e colocar “ordem” na transmissão.

Um dos maiores da história do jornalismo esportivo, considerado o narrador de maior popularidade do Brasil, Galvão narrou momentos importantes do esporte nacional, como o título da Copa do mundo de 1994, o pentacampeonato mundial em 2002, vários Jogos Olímpicos, os títulos mundiais de Fórmula 1 e o acidente fatal do maior piloto brasileiro de todos os tempos, Ayrton Senna, em 1994.

Galvão considera um privilégio acompanhar de perto os títulos da seleção Canarinho. Participou da cobertura de todas as Copas a partir de 1982 e narrou as finais desde 1990 até o Mundial da Rússia em 2018. Na Copa da França, em 1998, Galvão coordenou o debate esportivo 'Bate-Bola', um quadro do 'Esporte Espetacular' com comentários sobre os jogos do torneio. Na Copa do Mundo da Coreia e do Japão, em 2002, o 'Bate-Bola' passou a ser um programa independente, exibido logo após os jogos da seleção.

A comentarista Ana Thaís, que teve passagens por Lance, BandSports, Rádio Globo e Sportv, já tinha sido a primeira mulher a participar da transmissão de um jogo de futebol masculino como comentarista na Globo, em 2019. Antes da primeira transmissão, Ana Thaís Matos publicou uma foto ao lado de Galvão Bueno, comemorando a sua posição naquele momento. Inclusive, na legenda, celebrou estar ao lado de um símbolo da narração futebolística brasileira. “50 jogos de seleção brasileira transmitidos por Carlos Eduardo Galvão Bueno em Copas do Mundo na

Globo. É a última Copa dele, a primeira minha. E olha, dividir essa data com o Pelé da narração esportiva é um privilégio e uma honra” (MATTOS, 2022), escreveu a comentarista em sua postagem nas redes sociais.

Segundo o grande jornalista Sérgio Noronha, o comentarista deve ficar atento durante a partida, não apenas para fazer comentários na transmissão, como também, para passar informações ao narrador.

O comentarista precisa trabalhar em muita sincronia com o locutor. Euprocuo ficar atento, porque às vezes o locutor se engana, principalmente quanto aos nomes dos jogadores. Quando isso acontece, escrevo num papele mostro para ele, mas o Luís Roberto, que trabalha comigo, erra muito pouco. A maior dificuldade é quando a transmissão é feita do estúdio, vendopela televisão. (NORONHA, 2004, p.73).

Essa interação entre narrador e comentarista, no off, é muito importante para a qualidade das informações.

As imagens das partidas foram cedidas pela FIFA e utilizadas por todas as emissoras do mundo. Entretanto, a Globo utilizou câmera exclusiva no estádio. Barbeiro e Rangel acreditam que “a evolução tecnológica contribuiu também no campo editorial, porque com tantos detalhes registrados — como a dor de um jogador, o olhar de um cobrador de pênalti, a reação do torcedor-, o leque de pautas ficou muito mais amplo” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 98). Através desta câmera a mais, os autores salientam que a informação ganha mais espaço e um recurso maior para a busca de novas informações por meio das novas tecnologias, como é o caso da câmera exclusiva localizada em um espaço novo em relação aos utilizados pela empresa responsável pelas imagens da transmissão.

3.2 PRIMEIRA PARTIDA DO BRASIL NA COPA

“*Bem amigos da Rede Globo*”, é como Galvão Bueno começa quase todas as transmissões de jogos do Brasil. Logo no início do pré-jogo, o narrador anuncia os comentaristas Ana Thais Mattos e Júnior.

Em seguida, Galvão Bueno chama o repórter Guilherme Pereira, direto do vestiário da seleção brasileira. Guilherme destaca a exclusividade da Globo em ter acesso ao setor. “*Olha só o acesso que a gente tá tendo nesta copa do mundo.*” (PEREIRA, 2022).

O investimento da Rede Globo em câmeras exclusivas pôde ser visto no pré-jogo, quando os comentaristas e o âncora comentam sobre determinado jogador, imagens desse atleta no aquecimento são mostradas. “*Tem o Mitrovic, o cara faz gol de cabeça meu amigo, foram quarenta jogos da última copa pra cá, trinta por cento dos gols da Sérvia foram de cabeça. O cara é fera, tem que tomar cuidado*” (BUENO, 2022). É perceptível que o foco de análise desses comentaristas no pré-jogo é sempre o melhor jogador de cada time. Logo em seguida, a câmera exclusiva mostra em primeiro plano o Neymar, considerado o principal jogador do Brasil, e a torcida brasileira em segundo plano. Na maioria das vezes, essa câmera exclusiva no pré-jogo mostra imagens em câmera lenta. O narrador aproveita o momento para narrar o que está passando e fazer comentários.

Ainda no início da transmissão, o narrador tenta colocar ordem na cobertura antes do apito inicial.

Vocês chamem quando vocês quiserem, vamos só tomar cuidado que tem um famoso de lei. E vamos dar espaço entre um e outro para falar, porque senão acaba um falando em cima do outro. Por favor. (BUENO, 2022)

Entretanto, o próprio narrador foi quem atrapalhou os colegas falarem durante o início da transmissão. Além disso, foi notório as vezes que Galvão Bueno ignorou a comentarista Ana Thais. Durante o pré-jogo, o narrador deu a palavra a Júnior 8 vezes. Enquanto para a jornalista, apenas 3 vezes.

No início da partida, o comentário de Roque Júnior foi sobre a maneira como a Seleção brasileira estava se comportando nos primeiros minutos “*Brasil começou muito bem, Galvão. Pressionando a saída de bola da Sérvia, e com Vinicius Junior buscando o jogo.*” (JUNIOR, 2022).

O papel dos comentaristas da emissora pôde ficar bem claro em momentos pontuais da transmissão: no início — antes do jogo começar -, nos momentos de pausas do jogo (faltas, escanteios, tiros de meta), no intervalo da partida e após o término.

Durante a partida, o comentarista Junior participou 43 vezes, sendo 7 com chamadas do Galvão e 27 entradas completando falas do narrador. A comentarista Ana Thais Mattos participou 18 vezes, sendo 14 participações completando a fala do narrador e 4 com chamadas do Galvão. O ex-jogador Roque Júnior participou 18 vezes, sendo 12 participações com chamadas do narrador e 6 completando a fala do Galvão e dos outros comentaristas.

Já o repórter Eric Faria interagiu na transmissão em 25 oportunidades, sempre trazendo informações pertinentes na partida. No segundo tempo, sua primeira interferência ocorreu aos 4 minutos: “*os jogadores saíram para o aquecimento agora viu, Galvão. Bruno Guimarães, Fred, Gabriel Jesus e Pedro*”. Outra Interação foi na hora do gol do Brasil, para trazer informações do autor, Richarlyson. Também é o responsável por anunciar a quantidade de público presente no estádio.

A central do apito, criada pela emissora para analisar as decisões do árbitro na partida, também foi utilizada na copa. No Qatar, foi comandada pelo ex-árbitro Paulo César de Oliveira. Nessa partida, ele teve 4 participações.

Segundo o Painel Nacional de Televisão (PNT), a Globo chegou a uma audiência altíssima durante o jogo Brasil x Sérvia, principalmente no primeiro tempo, marcando 51 pontos, com 77% das TVs ligadas nos canais de TV Globo. O sucesso da estreia foi comemorado por Galvão Bueno nas suas redes sociais.

3.2.1 Uso da câmera exclusiva no jogo

Além do pré e pós jogo, essa câmera exclusiva foi utilizada apenas uma vez durante a primeira partida. Quando o jogador Neymar estava chorando no banco de reservas após sair da partida por causa de uma lesão. Na imagem, a TV Globo mostrou que aquela era uma imagem exclusiva e Galvão aproveitou para exaltar o repórter cinematográfico Álvaro Santana. “*Imagens de Álvaro Santana, repórter cinematográfico, 9 copas do mundo*”. (BUENO, 2022).

3.2.2 Repercussão da primeira transmissão, no Twitter

A relação entre Galvão Bueno e os comentaristas tomou conta das redessociais durante a partida. As figuras seguintes consistem em dois prints de dos telespectadores no Twitter.

Figura 1: Twitte de internautas



Fonte: Twitter

A comentarista Ana Thaís, que teve passagens por Lance! BandSports, Rádio Globo e Sportv, já tinha sido a primeira mulher a participar da transmissão de um jogo de futebol masculino como comentarista na Globo, em 2019. Antes da primeira transmissão, Ana Thaís Matos publicou uma foto ao lado de Galvão Bueno, comemorando a sua posição naquele momento.

Inclusive, na legenda, celebrou estar ao lado de um símbolo da narração futebolística brasileira. “50 jogos de seleção brasileira transmitidos por Carlos Eduardo Galvão Bueno em Copas do Mundo na Globo. É a última Copa dele, a primeira minha. E olha, dividir essa data com o Pelé da narração esportiva é um privilégio e uma honra”, escreveu ela em sua postagem nas redes sociais.

No entanto, a experiência pareceu ter sido menos positiva do que o esperado para muitos telespectadores, que comentaram os momentos em que Galvão Bueno virou de costas para a comentarista e ignorou seus apontamentos sobre a partida.

Figura 2: Outro twitte de internauta



Fonte: Twitter

Figura 3: Comentários e respostas dos twitters anteriores



Fonte: Twitter

A pesquisa da repercussão dessa partida foi por meio do recurso “pesquisar” e utilizando as palavras “transmissão e “Globo”.

3.2.3 Central da Copa e o delay da Globo Play

No programa Central da Copa do dia 24 de novembro de 2022, data da estreia do Brasil no mundial, tivemos a apresentação do Alex Escobar e participação do ex-jogador Fred e da cantora Jojo Todynho. O convidado da noite foi o ator José Loreto.

O primeiro assunto do programa foi o jogador Richarlyson, que decidiu a partida para a seleção brasileira. A primeira participação do ator José Loreto junto a Jojo

Todynho, gerou algumas risadas no estúdio: "Jojo, essa mulher maravilhosa, vai para casa comigo, não vai?" (LORETO). A cantora logo respondeu o ator. "Você não estava namorando?" Que resenha, você acha que eu vou estar do seu lado e vou querer falar de futebol?" (TODYNHO).

Ainda no início do programa, Jojo proporcionou uma cena inusitada ao falar da plataforma Globo Play, que também transmitia o jogo do Brasil. "Eu comemorei quatro vezes. Eu botei o Globo Play, aí ficava com delay, tinha acontecido o gol, lá no Globo Play era uns dez, cinco minutos depois, a gente comemorava." (TODYNHO) O apresentador tentou amenizar o comentário "Não é assim também não né, Jojo?" (ESCOBAR) "Falava bateu na trave, horas depois o Galvão ia falar" (TODYNHO). O quadro central do aflito deu lugar à "Central do Pombo", pelo menos nesse programa. Ele fez referência ao camisa nove do Brasil. Outra reportagem foi relacionada ao jogador Neymar, que deixou o jogo machucado. O comentário foi do Fred, que com sua experiência nos gramados, analisou o lance e cravou a volta do Neymar ainda nessa copa. A entorse do tornozelo virou assunto no programa. Jojo Todynho e José Loreto comentaram sobre esse tipo de lesão na vida cotidiana deles. No quadro "Que Doha é essa?" Marcelo Adnet ficou com a missão de trazer o humor para o programa, imitando o narrador Galvão Bueno de forma descontraída.

Outra reportagem com humor foi do repórter Lucas Gutierrez, que trouxe direto do Qatar, os torcedores, de vários lugares do mundo, antes da partida do Brasil na estreia na Copa.

3.3 QUINQUAGÉSIMO JOGO DA SELEÇÃO BRASILEIRA NARRADO POR GALVÃO BUENO EM COPAS DO MUNDO

A segunda partida da seleção brasileira foi disputada no famoso estádio dos containers, o 974, construído especialmente para a Copa do Mundo do Qatar.

O jogo entre Brasil e Suíça foi o jogo de número 50 da seleção brasileira em copas do mundo, narrado por Galvão Bueno. Logo na abertura do jogo, depois da homenagem singela da Rede Globo, os comentaristas Júnior e Ana Thais abraçaram Galvão, parabenizando a marca atingida pelo narrador. Emocionado, Galvão agradece o carinho dos companheiros de transmissão.

Ainda no início do pré jogo, Galvão anuncia o espaço exclusivo da rede Globo nos jogos na beirada do campo "*Vamos dar um pulinho lá embaixo, vão bora, na nossa*

posição de apresentação. Nossa posição exclusiva. Eric Faria, diga lá.” (BUENO, 2022). Assim como no primeiro jogo, o narrador dá destaque ao privilégio da emissora em ter um espaço para os repórteres durante o jogo.

Como de costume, o repórter Eric Faria chega na transmissão passando informações sobre a escalação do Brasil para o jogo. Enquanto isso, as imagens exibidas são intercaladas entre o aquecimento da seleção brasileira e o repórter Eric, juntamente com o comentarista Roque Junior. O ex-zagueiro traz informações sobre o esquema tático do time Russo. O espaço exclusivo da Globo no gramado foi chamado de “camarote a beira do campo” pelo próprio repórter Eric Faria.

Assim como na primeira partida, outro ponto de destaque é do repórter Guilherme Pereira no vestiário do Brasil antes do jogo. *“Olha que legal a honra de estar dentro do vestiário da seleção brasileira aqui no estádio 974 e é muito bacana poder mostrar para vocês o trabalho da comissão técnica, que deixa tudo muito organizado para os jogadores.”* (PEREIRA, 2022). Enquanto isso, o cinegrafista mostra as camisas dos jogadores penduradas.

Outro aspecto interessante do pré-jogo é a filmagem exclusiva da Globo com os torcedores e um deles vestido de pombo, assim como é conhecido o camisa nove do Brasil nessa copa, o Richarlyson. O jogador foi muito elogiado por ter sido um dos destaques na primeira partida.

Neste jogo, a repórter Karine Alves foi chamada por Galvão Bueno para mostrar a torcida brasileira do lado de fora do estádio. Entretanto, não teve interação com o narrador que logo soltou *“Aí voltamos com imagens ao vivo do estádio”* (BUENO, 2022), deixando a participação da repórter sem sentido.

Antes do apito inicial, o comentarista Júnior participou da transmissão 6 vezes, sendo 5 participações completando a fala dos colegas e 1 com chamada do narrador. A jornalista Ana Thaís participou 3 vezes, sendo 1 participação com chamada do narrador e 2 completando comentários dos outros comentaristas.

O repórter Eric Faria participou 3 vezes durante o pré jogo e o Roque Júnior 3 vezes.

Após o apito inicial da partida, tivemos muitas participações do comentarista Júnior, 33 no total, 28 completando falas dos colegas e 5 com chamada do Galvão. Ana Thais participou em 20 oportunidades, sendo 17 participações e 3 com chamada do Galvão. Já Roque Júnior foi o que menos participou nessa partida, foram 8 participações completando alguma chamada do narrador e 10 por conta própria,

totalizando 18 participações. Já o repórter Eric participou 22 vezes durante o jogo.

A central do apito foi feita nos estúdios da Globo, no Brasil. Nessa partida entre Brasil e Suíça, Galvão chamou a participação do ex-árbitro Paulo César de Oliveira apenas aos 14 minutos do primeiro tempo após falta do jogador Casemiro em cima do suíço Embolo. Paulo César volta no momento do gol irregular do Brasil no segundotempo, dizendo que o gol seria anulado por impedimento. *“Boa tarde a todos aqui, boanoite para vocês, Galvão. Foi falta sim. No primeiro momento, não, contato de jogo, mas na sequência, o Casemiro acabou atingindo ali o Êmbolo. Falta bem-marcada ”* (PAULO CESÁR DE OLIVEIRA, 2022), comentou o analista de arbitragem.

3.3.1 Câmera exclusiva

Na partida entre Brasil e Suíça, a Globo utilizou a câmera exclusiva durante a partida apenas uma vez. Após o repórter de campo Eric Faria anunciar que o jogador reserva Rodrygo estava indo para o aquecimento no final do primeiro tempo, a câmara exclusiva mostrou o jogador junto a comissão técnica.

3.3.2 E o pessoal no Twitter?

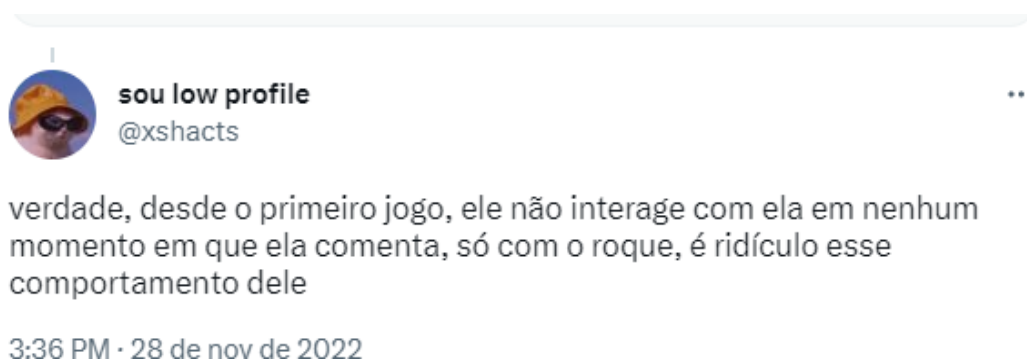
Assim como na primeira partida, tivemos comentários negativos relacionados ao tratamento do narrador Galvão Bueno com a comentarista Ana Thais Mattos.

Figura 4: Repercussão do dia 28 de novembro no Twitter.



Fonte: Twitter

Figura 5: Outro twitte de internauta no dia



Fonte: Twitte

3.3.3 Central da Copa e a beleza do goleiro Alisson

O ator Érico Brás foi o convidado do programa do dia 27 de novembro, dia do segundo jogo da seleção brasileira. Logo no início, já começou com uma reportagem

sobre a partida entre Brasil e Suíça.

A cantora Jojo Todynho, que teoricamente foi convidada para o infoentretenimento do programa, acabou puxando um assunto técnico relacionado ao impedimento no gol de Vinícius Junior, que acabou anulado pela equipe de arbitragem. Houve uma discussão sobre a participação do jogador Richarlyson, que estava impedido, na jogada que resultou no gol do companheiro de time. O Fred justificou o impedimento no lance.

O primeiro entretenimento do programa foi relacionado à beleza do goleiro da Seleção. *“O Allyson saiu do jogo hoje cheiroso. Bonito, cheiroso. O Alisson cheio de espinhas é muito mais bonito que a gente”* (ESCOBAR, 2022). O Fred brincou com a situação e a Jojo fez um comentário que fez a alegria dos internautas. *“Você não perde para ninguém, Fred. Senhora esposa de Fred, desculpa falar, mas o seu marido é um pedaço, pedaço”* (TODYNHO, 2022), fazendo referência a beleza do ex-jogador.

Após alguns comentários da Jojo, o sonoplasta colocava um efeito sonoro com uma música da cantora. Outro momento de entretenimento foi relacionado ao ator e convidado, Érico. O apresentador Alex Escobar comentou que o Fred assistiu ao jogo fazendo churrasco e o ator logo respondeu com humor. *“para isso ninguém me convida, mas para estar aqui meia noite na rede Globo...”* (ÉRICO, 2022).

O repórter Lucas Gutierrez também arrancou risadas dos telespectadores com uma reportagem no Qatar, entrevistando alguns torcedores e famosos. Marcelo Adnet, é o especialista no humor esportivo do programa. Mais uma vez imitou Galvão Bueno, comentando a partida do Brasil. Também fez o personagem Eli Teral.

O momento de humor do apresentador Alex Escobar foi relacionado ao time de Camarões. *“Para Camarões se classificar tem que ganhar da gente. Ficou superdifícil para eles. É uma seleção super carismática. Por que, assim, Camarões só é perigoso na praia”*. (ESCOBAR, 2022).

No quadro “Central do aflito”, a equipe acompanhou os momentos de aflição da torcida brasileira durante a partida.

Alex Escobar, mostrou também, uma invasão de campo durante a partida da Ucrânia na Copa. *“Pessoal, a gente não costuma mostrar invasão de campo, mas olha essa aí. O cara passou correndo com a bandeira do arco-íris, movimento do LGBTQIA+ e pegou na camisa ali, uma Camisa que pedia respeito às mulheres iranianas e salve a Ucrânia também.”* (ESCOBAR, 2022). No entanto, apenas mostrou a cena e não puxou o assunto com os demais convidados, perdendo oportunidade de

falar sobre a necessidade dos temas.

3.4 EM COPA DO MUNDO NÃO SE JOGA COM TIME RESERVA

“Não gosto de jogar com time reserva em Copa do Mundo. Copa tem que jogar sério todo jogo” (BUENO, 2022). Sobrou para o técnico da Seleção, Tite, a derrota na terceira e última partida da seleção na fase de grupos da Copa. Vários comentaristas esportivos, de diversas emissoras, tiveram a mesma narrativa após o apito final, que o Brasil não deveria ter jogado com time totalmente reserva.

Como conta Wisnik (2008), o outro existe e as derrotas de nossa seleção mostram isso muito mais do que as vitórias. Na última partida analisada, tivemos a única derrota brasileira a ser estudada. Nesse terceiro e último jogo do Brasil, a Seleção brasileira perdeu por 1 a 0 para a Seleção de Camarões.

Logo após a bola rolar para o início da partida, Galvão fala que a Croácia não está com isso tudo não. Diferentemente do segundo jogo, desta vez, no pré jogo, o narrador Galvão interagiu com a repórter Karine Alves que, em todos os jogos, mostrou a chegada da torcida no lado de fora dos estádios.

A primeira participação de Paulo César, analista de arbitragem da central da Copa, foi aos sete minutos do primeiro tempo, após o segundo cartão amarelo apresentado pelo árbitro.

Quando o Brasil tomou gol, já nos acréscimos, o narrador Galvão não se preocupou em gritar “gol”. Se preocupou em somar os pontos para saber qual seleção seria a primeira colocada do grupo. *“Agora é fazer conta”* (GALVÃO, 2022). Outro ponto que chamou a atenção é a divisão de tela no final da partida, mostrando, também, o jogo entre Suíça e Servia. *“Nós estamos com tela dividida,*

você está vendo um jogo e está vendo o outro”. (BUENO, 2022)

Após a partida, o narrador Galvão Bueno reclamou do time escalado para a partida pelo técnico Tite. *“Foi assim com a França. E o Brasil está perdendo agora. E não gosto dessa coisa de jogar com o time reserva. A Copa do Mundo é para jogar a sério todos os jogos, não que eles não estejam jogando sério agora”* (BUENO, 2022). O repórter Eric Faria completou, nessa edição, sua quarta Copa do mundo no currículo. Sempre trazendo informações pertinentes, teve 23 participações durante a transmissão do jogo.

A comentarista Ana Thais participou 8 vezes, sendo 6 participações intervindo

na transmissão e completando falas dos demais e 2 com chamada do narrador. Já o comentarista Júnior, participou em 9 oportunidades. Dessas, 8 foram completando falas dos colegas e intervindo na transmissão, e 1 participação com chamada do Galvão. Já o Roque Júnior e o repórter Eric Faria participaram 2 vezes cada um.

Durante o jogo, Ana Thais Mattos teve 18 participações analisando jogadas e completando falas do jogador e 4 participações após chamada do Narrador. Júnior participou 44 vezes, sendo 41 vezes intervindo na transmissão e completando falas dos colegas, e 3 participações após chamada do Galvão. O repórter de campo, Eric Faria participou 23 vezes durante o jogo. Já Roque Júnior, interagiu 26 vezes no jogo, sendo 20 intervindo na transmissão e completando falas dos outros e mais 6 participações após chamada do Galvão.

3.4.1 Câmera exclusiva

Na partida entre Brasil e Camarões, a Globo utilizou a câmera exclusiva por mais vezes. Foram três durante o jogo.

A primeira vez foi aos sete minutos do segundo tempo, quando as imagens mostraram o jogador do Brasil, Alex Telles, machucado.

Aos sete minutos do segundo tempo a emissora utilizou da câmera exclusiva para mostrar o lateral esquerdo do Brasil machucado. *“Quer ver a imagem da Globo? Imagem exclusiva. Chorando muito o Alex Telles. Conversando com o dr. Rodrigo Lasmar”* (BUENO, 2022).

Aos 17 minutos da segunda etapa, a câmera exclusiva captou o jogador do Brasil, Pedro, se preparando para entrar na partida. Na ocasião, Galvão narrou um suposto replay que não foi transmitido.

Na última utilização na partida, 72:23' o repórter cinematográfico filma o lateral Alex Telles chorando. *“O Alex Telles continua chorando, cara. Olha a câmera da Globo, quer ver? e muito. É uma mistura de dor e angústia. Não para de chorar o Alex Telles.”* (BUENO, 2022).

3.4.2 Repercussão da terceira partida

Após ter uma repercussão negativa nos dois primeiros jogos, nossa pesquisa

dessa vez, foi direcionada diretamente com as palavras “Galvão” e “Ana Thais” nome mecanismo de pesquisa do Twitter.

Figura 6: Internautas comentam atitude diferente de Galvão



Fonte: Twitter

Figura 7: Outro comentário sobre Galvão e Ana Thais



Fonte: Twitter

3.4.3 Central da Copa: “Plastel de flango”

Este programa foi apresentado pelo Alex Escobar, Ex jogador Fred e ascantoras Jojo Todynho. A convidada da noite foi a cantora Lexa.

O que muitos acharam que a linha do programa do dia seria uma crítica ao técnico Tite, por causa da derrota da seleção, mas não foi o que aconteceu. Logo no início do programa os apresentadores e convidados comentaram sobre o time adversário da seleção brasileira nas oitavas de final, a Coreia do Sul. Logo, a cantora Jojo Todynho fez uma alusão aos asiáticos que vivem no Brasil e vendem pastéis: “Plastel de flango”. Essa fala gerou vários debates sobre o preconceito que os imigrantes sofrem no país.

O jogador Fred, quando perguntado sobre tomar cartão quando tira a camisa, comentou sobre “*Não tirava muito a camisa porque sempre tive uma pocheteinha. O Abubacar está trincado*”. (FRED, 2022).

A convidada Lexa participou poucas vezes, mas falou sobre o juiz da partida. “Juiz debochado, ria e dava amarelo” (LEXA, 2022).

Nos três programas a cantora Jojo criticou os adversários do Brasil, no quesito agressividade. *“Eles estavam batendo muito. Não aguentam na bola, eles querem descer o cacete”* (TODYNHO, 2022)

Assim como nos outros dias, o humorista Marcelo Adnet apresentou o quadro “Que Doha é essa?”, mas desta vez imitou, também, o apresentador do SBT, Silvio Santos. Apesar do clima descontraído do programa, no quadro “Central do aflito” do dia, houve um momento sério para notícias relacionadas aos jogadores contundidos do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste final de percurso, percebemos que o esporte em geral, hoje, não se limita apenas a diversão, ele produz benefícios em todos os aspectos, tanto culturais e sociais, quanto econômicos.

É notório que o futebol é o principal esporte do país e cresce cada vez mais nas mídias do Brasil. Mas não foi fácil chegar ao patamar atual. Foi pedindo passagem dentro das redações e ganhando seu espaço nos jornais. Após muita luta, o jornalismo esportivo se tornou relevante socialmente.

Depois de observarmos que, apesar de ser, por muito tempo, desprezado, o jornalismo esportivo se enquadra nos conceitos de jornalismo trazidos, principalmente por Traquina (2004-2005). Diante disso, buscamos entender como a Rede Globo trabalha essa editoria de forma bem específica em um evento também particular, a Copa do Mundo.

Quanto mais se utiliza recursos e tecnologia durante a transmissão, mais perto o telespectador fica do evento. E foi isso que a Globo buscou fazer durante o mundial. É mais fácil também entreter o telespectador, uma vez que muitos brasileiros assistem futebol apenas durante o megaevento esportivo, ou seja, uma transmissão de uma Copa do Mundo contribui e dissemina mais desse esporte no país.

Com as interações do experiente repórter Eric Faria durante os jogos, trazendo informações complementares aos comentários que iam conduzindo a transmissão, os telespectadores iam se informando cada vez mais.

Os recursos técnicos também fizeram a diferença. Além da câmera exclusiva, a exclusividade dos repórteres da Globo no vestiário da seleção brasileira durante o pré jogo também faz a diferença em relação a outras transmissões televisivas e radiofônicas.

A marca de 50 jogos narrando partidas do Brasil, atingida pelo narrador Galvão Bueno, ficou um pouco apagada nas redes sociais, por causa dos comportamentos dele com os colegas de trabalho, principalmente com a comentarista Ana Thaís Matos, percebidos pelos internautas, durante as transmissões dos jogos. No entanto, foi perceptível a mudança de comportamento, para melhor, do narrador com a equipe de trabalho, a partir da segunda partida do Brasil.

O programa Central da Copa desse ano foi diferente em relação às outras edições. Nas copas do mundo anteriores, 2010 e 2014, existiam várias edições do

programa em um único dia. A partir de 2018, ele ganhou novo formato e, em 2022, o Central da Copa passou a ser apresentado apenas no período noturno. No entanto, apesar dessas mudanças e inovações, a Globo sempre manteve as características principais: fazer a cobertura dos jogos do dia de forma bem humorada, mostrar histórias e curiosidades do evento, além de acompanhar de perto a festa das torcidas.

O principal destaque desta edição do Central da Copa foi o humorista e apresentador Marcelo Adnet, que trouxe entretenimento e informações de forma descontraída, com o quadro “Que Doha é essa?”.

A participação da cantora Jojo Todynho também foi bastante comentada. Apesar de dizer, antes do mundial, que não entendia nada de futebol, ela se mostrou entendida do assunto e acima disso, gerou bastante entretenimento durante os programas.

De fato, há uma mudança de comportamento da emissora, também, em relação às coberturas das copas anteriores (2010, 2014, 2018), e que vem melhorando a cada quatro anos. Isso se deve ao fato de a Globo ter, nesse último mundial, a concorrência de outras plataformas audiovisuais. Foi preciso ter mais investimento e o que chamamos de buscar “privilégios”, como vimos os repórteres durante as partidas: espaços exclusivos no gramado e nos vestiários, entre outros. Tudo isso contribuiu para chamar o telespectador e conquistar audiência.

Por fim, destaco que, apesar das críticas em alguns aspectos, a Globo cumpriu o chamado “Padrão Globo de Jornalismo”, levando informações e transmitindo a Copa do Mundo de forma consistente. E assim esperamos, que melhore a cada ano.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, A. C. A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2000, 27 p. Ensaios. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

AMÉRICO, Marcos. **Observatório do esporte: uma visão crítica da mídia esportiva**. Anais do XVI Congresso de Comunicação da Região Sudeste, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2013. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/135201>>.

ASSUNÇÃO, Felipe Portes Rizzo (2006). O processo de internacionalização de uma empresa brasileira: o caso da Rede Globo. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro –Coppead.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica – História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRINATI, Francisco Ângelo; HELAL, Ronaldo George. **Caxirolas, Fuleco e Brazuca: Uma análise da cultura brasileira nos símbolos da Copa do Mundo FIFA 2014**. In: ROCCO JR., A. J. (org.) Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014b.

<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>. Acesso em: dez.2022

BUENO, Galvão; OSTROVSKY, Ingo. **Fala, Galvão!**. Globo Livros, 2015.

BUENO, Wilson da Costa. **Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro**. In: José Carlos Marques; Sérgio Carvalho; Vera Regina T. Camargo. (Org.). Comunicação e esporte-tendências. 1 ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005, v. 1, p. 13-27.

COELHO, Paulo Vinicius. **“História de paixão.”** In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro: Secretaria, 2004.116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CORTEZ, Gabriel de Lima Alves; MARQUES, José Carlos. **Ainda somos o país do futebol? Uma análise discursiva do jornal The Wall Street Journal na cobertura da Copa do Mundo FIFA 2014**. Curitiba: Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

CURY, Renato. Jornalista esportivo e produtor de conteúdo da Rede Globo. Entrevista concedida ao autor em 2 de julho de 2020, Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=1nVfCxQGILLI&t=39s&ab_channel=PedroLeal
 Acesso em: 23 mar. 2023.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O Futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Porto Alegre, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DANTAS, José Guibson. **“Espetáculo para além das quatro linhas: as interfaces entre, futebol, propaganda e autoritarismo nas copas do mundo de 34 e 78.”** In: ROCCO JR., A. J. (org.) Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014b.
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>. Acesso em: dez.2022

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso**. São Paulo: Atlas, 1981.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social — Habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013. Available at:
 <<http://hdl.handle.net/11449/119227>>.

GASTALDO, Édison Luis. **A nação e o anúncio: a representação do “brasileiro” na publicidade da Copa do Mundo**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Instituto de Artes da Unicamp, 2000.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. Rio de Janeiro, 2006.

GUERRA, Márcio. **“O triste caminho do jornalismo esportivo - o sorteio da Copa do Mundo perde para o decote de Fernanda Lima”**. In: ROCCO JR., A. J. (org.) Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014b.
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>. Acesso em: dez.2022

GURGEL, Anderson. **“A Copa do Mundo como Megaevento Esportivo: Afinal do Estamos Falando? Uma Abordagem Comunicacional sobre a Maior Festa do Futebol.”** In: ROCCO JR., A. J. (org.) Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014b.
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>. Acesso em: dez.2022

GURGEL, Anderson. **A NATUREZA COMUNICACIONAL DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: MECANISMOS DA ECONOMIA DA IMAGEM DO ESPORTE EM COPAS DO MUNDO E OLIMPÍADAS**. V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura (CoMcult) - São Paulo, 2015.

GURGEL, Anderson. **Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos**. Motrivivência. Florianópolis, v. 21, n. 32-33, p. 193-210, 2009.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia;

KFOURI, Juca. **“Entre torcer e distorcer”**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro: Secretaria, 2004.116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

MARQUES, José Carlos; ROCCO JR, Ary José. **A dança das bolinhas nos potes da FIFA: análise comparativa da cobertura realizada pela mídia impressa de Brasil e Portugal a respeito do sorteio da Copa do Mundo de 2014** In: ROCCO JR., A. J. (org.) Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014b.

<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/950bc416911c3c2e2d2963141273b315.pdf>. Acesso em: dez.2022

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MATTOS, Sérgio. **A trajetória de sucesso de Roberto Marinho**. Seminário —Pioneirismo Empresarial no Brasil e a Construção do Século XXIII. FEA/ USP: São Paulo, 2007.

NORONHA, Sergio. **“O poder das imagens”**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. — Rio de Janeiro: Secretaria, 2004.116 p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

OLIVEIRA, Giordano Bruno Medeiro e. **Futebol na segunda tela: as estratégias de transmídiação do esporte interativo na copa do Nordeste**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

OSELAME, Mariana Corsetti. Padrão globo de jornalismo esportivo. **Sessões do Imaginário**, v. 15, n. 24, 2010.

RANGEL, Patrícia. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo. 2008.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Jornalismo Esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2004.116 p.:

Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

ROCCO JR, Ary José. **Comunicação e Esportes: Copa do Mundo 2014**. São Paulo. Intercom, 2014.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011.

SCHETINI, Vivian. Rádio e televisão: levando emoção ao torcedor de futebol. **Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2006.

SILVA, Verônica Lima Nogueira da. **Jornalismo esportivo ou entretenimento: Discussão sobre a possibilidade de uma cobertura crítica**. Brasília: UNB, 2009. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/39/TDE-2010-09-10T102939Z5032/Publico/2009_VeronicaLimaNdaSilva.pdf.

SILVEIRA, Nathália Ely da, **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. Porto Alegre, 2009

TAVARES, Bruno da S. **Pluralidade na cobertura do Jornal Nacional sobre os preparativos para a Copa do Mundo 2014: avaliação da conformidade do conteúdo jornalístico com as garantias do documento editorial da Globo** [Dissertação de Mestrado]. São Cristóvão, Programa de PósGraduação em Comunicação/UFS, 2014

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio. O futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 430p.

Marcelo Rozenberg e Marcos Júnior Micheletti. **Galvão Bueno - Que Fim Levou?. Terceiro Tempo**. Acesso em 1 de janeiro de 2023

<https://globoplay.globo.com/central-da-copa/t/rCYKzDv5Y1/>

https://tvpediabrasil.fandom.com/pt-br/wiki/Central_da_Copa

<https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/03/24/galvao-bueno-deixara-narracoes-na-tv-globo-apos-a-copa-do-mundo.ghtml>

<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/09/20/globo-anuncia-comentaristas-convidados-para-copa-do-mundo-veja-como-sera-a-cobertura.ghtml>

<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/11/20/copa-do-mundo-2022-confira-cinco-polemicas-do-torneio-no-catar.ghtml>

<https://www.hrw.org/pt/news/2022/11/18/qatar-rights-abuses-stain-fifa-world-cup>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO